

FERNANDO LORENZ

A NOÇÃO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CURSO DE FILOSOFIA
CAMPO GRANDE/MS
2008**

A NOÇÃO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER

FERNANDO LORENZ

A NOÇÃO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER

Monografia apresentada à Universidade Católica Dom Bosco como exigência final para a obtenção do título de licenciado em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CURSO DE FILOSOFIA
CAMPO GRANDE/MS
2008**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel
Orientador

Prof. Dr. Pe. Geraldo Grendene
Examinador

Prof. Dr. Marcelo Alves Nunes
Examinador

“Pela experiência interior a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade.”
(MOUNIER, 1905-1950)

*Dedico esta monografia
aos meus pais que me
fizeram fazer a
experiência primitiva da
segunda pessoa*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é simplesmente reconhecer a presença significativa de pessoas que imprimiram as suas marcas para a concretização deste trabalho, dentre elas e com elas agradeço a Deus pelo dom inefável da minha existência humana e pelos momentos de dificuldades que me levaram a descobrir aquilo que realmente importa.

Quero externar a minha admiração e agradecimento ao Excelentíssimo Reverendíssimo Senhor Dom Redovino Rizzardo, bispo da Diocese de Dourados, pela sua dedicação à Igreja particular e, principalmente, pela sua preocupação com a formação dos futuros padres da Igreja. O seu amor e fidelidade ao reino de Deus cativa a todos que estão a sua volta e os levam a assumir com compromisso a causa do Evangelho.

Destaco e agradeço de maneira satisfatória a atuação do meu orientador Josemar de Campos Maciel, este que se fez solícito em suas considerações e, a partir disso, soube extrair do ordinário o extraordinário. A sua atenção, espontaneidade, competência engenhosa fizeram com que os caminhos deste singelo trabalho fossem traçados e delimitados. Deixo registrada a minha profunda e sincera gratidão, não somente por aquilo que ele fez, mas por aquilo que ele é.

Aos meus familiares os quais tenho grande apreço e possuem um lugar significativo na minha vida, agradeço por terem demonstrado um grande zelo e amor às minhas escolhas e não mediram esforço para ajudar-me naquilo que era necessário à efetuação deste trabalho. Confesso que a minha vida não seria melhor sem a presença de cada um.

Aos meus amigos pelo companheirismo que demonstraram durante este período importante de conclusão de curso. De fato, contribuíram cada um com a sua singularidade para o meu crescimento humano, intelectual e espiritual. Suas atitudes, às vezes questionadoras, levaram-me a transcender a minha condição humana.

Ao Padre José Adriano Stevanelli que na medida da possível contribui para a construção deste trabalho, agradeço e dedico a ele o meu esforço. A sua presença sempre autêntica e verdadeira ajudou-me na configuração do ser pessoa. Pela sua capacidade de olhar no outro e descobrir o rosto divino de Deus que ali habita.

RESUMO

O presente trabalho procura apresentar a perspectiva comunitária do personalismo, do filósofo francês Emmanuel Mounier, na formação do ser pessoa. O pensamento mounieriano é uma reação contra todo o anátema lançado sobre a pessoa, isto é, o individualismo e o coletivismo, fatores que não promovem os reais elementos constitutivos do ser humano, levando-o à despersonalização e a perda do sentido da sua existência humana. A filosofia da relação de Martin Buber vem ao encontro da perspectiva de Mounier quando apresenta a duas atitudes do homem perante o mundo expressada nas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, ou seja, na atitude de reciprocidade e a experiência de utilidade. A descrição de Sartre acerca da existência do outro é analisada por Mounier que conclui a sua limitação, por expressar apenas um tipo de relacionamento. O indivíduo só se torna pessoa a partir do momento em que direciona o seu ser ao outro numa atitude de disponibilidade gerando, assim, a comunhão. A comunidade é o elemento que proporciona a vida pessoal. O amor passa a ser a base desta comunicação e, desta forma, pensa-se em um Deus Pessoal que atraí todos os seres pessoais, de modo, que estas só encontram a sua plena realização na Pessoa suprema.

Palavras - chave: Ser Pessoa. Outro. Comunhão. .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 AS SOMBRAS DO SÉCULO XX.....	12
1.2 “O MAQUINISMO”	14
1.3 A CIVILIZAÇÃO BURGUESA E INDIVIDUALISTA.....	15
1.3.1 O Fascismo	17
1.3.2 O Nazismo.....	18
1.4 O SURGIMENTO DE UMA FILOSOFIA A SERVIÇO DA PESSOA, EM MOUNIER.....	21
2 PARALELOS ENTRE AS RESPOSTAS DE BUBER, SARTRE E MOUNIER	23
2.1 UMA FILOSOFIA DA RELAÇÃO EM MARTIN BUBER.....	23
2.2 AS PALAVRAS-PRINCÍPIO.....	24
2.3 A REALIZAÇÃO DO AMOR ENTRE O EU E O TU	27
2.5 A EXISTÊNCIA DO OUTRO EM SARTRE	30
3 A CONSTITUIÇÃO DA PESSOA: SER RELACIONAL E TRANSCENDENTE	36
3.1 DE NATUREZA PARA CONDIÇÃO HUMANA	36
3.2 O MOVIMENTO DE PERSONALIZAÇÃO.....	38
3.3 A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE	41
3.4 A INTERROGAÇÃO DO OUTRO	42
3.5 “ <i>AMO ERGO SUM</i> ”	44
3.6 O TEMA DA CONVERSÃO PESSOAL.....	45
3.7 O SENTIDO ÚLTIMO DA RELAÇÃO INTERPESSOAL	46
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

O século XX é caracterizado por uma profunda crise espiritual que despertou na Europa um vazio existencial provido da decadência do império da razão. O clima de individualismo e coletivismo era potente e ao mesmo tempo devastador, pois conduzia os seres humanos a uma total despersonalização do seu ser. O que fazer quando pessoas correm o perigo de perder o seu próprio ser? A partir desta situação, procurar-se-á a partir de Emmanuel Mounier descobrir a sua reação diante do individualismo e do coletivismo que pairava sobre a Europa e que apresenta à nossa atualidade uma profunda contribuição, pois possibilita a cada pessoa descobrir o sentido da existência humana.

Qual o melhor lugar para que o indivíduo possa se aperfeiçoar e desenvolver a suas potencialidades e despertar o seu próprio ser? Para responder tão problemática ter-se-á como referencial teórico o pensamento personalista de Mounier, este que vivenciou intensamente as sombras do século XX e, suas experiências com os nazistas, com os fascistas, com os traumas causados pelas duas guerras mundiais demonstram o surgimento de uma filosofia a serviço da pessoa. A filosofia personalista de Mounier é o resultado de uma existência engajada e transformadora que teve a sua efervescência por meio da revista *Esprit* fundada por Mounier no ano de 1932 e que reclamava as exigências de uma nova civilização e, por isso, muitas vezes foi interdita pelos alemães. De fato, o papel de *Esprit* foi realmente desafiador e renovador, porém mesmo censurada no ano de 1940 a 1941, Mounier continuava a escrever suas obras. Dentro da sua filosofia ele definiu estruturas tais como: a existência incorporada, a comunicação, a conversão íntima, o compromisso, a liberdade com condições e a eminente dignidade, porém inseriu no interior de cada estrutura um princípio de imprevisibilidade, pois deste modo, não teria o risco de se ter uma definição fixista da pessoa, pois está não é objeto, tendo em vista que, estes são definidos. Verificar-se-á que a pessoa é um projeto inacabado que tende para a sua plena realização.

No primeiro capítulo apresentar-se-á uma abordagem geral das principais tragédias que marcaram o século XX; a atuação dos regimes totalitários como o fascismo e o nazismo e, as suas conseqüências para a humanidade. O desmoronamento da razão, esta que

era considerada o alicerce das ciências será abordada em sua impotência, com isso a situação da Europa era totalmente frustrante, pelo fato de que, a razão voltou-se contra o seu maior propagador, o próprio homem. Dito isso, notar-se-á os maiores horrores ocorridos já na história, estes que foram organizados pelo poder da racionalidade e, também, foram os frutos de sistemas individualistas e coletivistas que não visavam às exigências do ser pessoa. Perante esta problemática pretende-se mostrar o surgimento da filosofia personalista de Mounier como um resgate da vida pessoal.

No segundo capítulo fazer-se-á uma apresentação da filosofia de Martin Buber no que se refere a sua ontologia da relação e a existência do outro em Sartre a partir de uma análise mounieriana. Estes autores são considerados importantes para o aprofundamento deste trabalho por trazerem consigo as marcas de um século em crise e por darem as suas válidas contribuições à humanidade. Respectivamente, no que se refere a Buber ter-se-á como obra principal o “Eu e Tu” que é considerada a fase mais madura de seu pensamento. Ele apresenta dois tipos de relação expressada pelas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, a primeira exprime a relação de reciprocidade entre os sujeitos e neste evento a totalidade de um se entrelaça com a totalidade do outro, desde modo, a realização do amor se dá necessariamente quando o Eu sabe dizer Tu. Em seguida, discorrer-se-á sobre o diálogo com Deus, este que é considerado, o Totalmente Outro. Nesta forma de relação com o ser infinito se destaca a importância da reciprocidade entre os homens, pois, é nesta que se evoca a eternidade.

Após discorrer sobre Buber será apresentada a existência do outro em Sartre, este que o considera como um invasor e detentor do eu, aquele que rouba a liberdade alheia. Nesta perspectiva, Mounier reconhece a importância de Sartre para o desenvolvimento acerca do olhar e da relação existente entre as pessoas, porém o que Sartre descreve, de acordo com Mounier, é apenas um tipo de relacionamento, pois esta descrição não engloba a totalidade do ser-para-outro; nesta constatação apresentar-se-á o aprofundamento da filosofia mounieriana, acerca da noção de disponibilidade que, por sua vez, implica cinco atitudes fundamentais para a sua realização, e com isso, favorecerá a constituição de uma verdadeira comunidade.

No terceiro capítulo realizar-se-á uma abordagem centrada na pessoa como ser relacional e transcendente, para isso será apresentado a existência incorporada, que é considerada por Mounier, uma das estruturas do universo pessoal. Num primeiro momento desenvolver-se-á à preferência de Mounier pela noção de condição humana em vez de natureza humana, pois esta é considerada por ele como redutora das potencialidades do ser pessoa, esta que se encontra num movimento de personalização, segundo tópico do capítulo.

Neste modo, pretende-se revelar que o indivíduo só se torna pessoa a partir do momento em que adere a este movimento que é considerado o próprio exercício da dupla transcendência, isto é, transcender o mundo e transcender a si mesmo. Dito isso, será abordado a experiência da alteridade, está que favorece o surgimento do ser pessoa, pois esta se dá na medida em que o eu segue em direção ao outro, numa atitude de disponibilidade. A formação da comunidade, então, dentro de uma perspectiva de integração consciente das pessoas tem como finalidade promover a autenticidade dos indivíduos. O processo de personalização requer o encontro fecundo com o próximo, pois este é uma provocação para que o eu saia do estado de inércia, com isso, discorrer-se-á sobre o papel da interrogação do outro na passagem do indivíduo à pessoa.

Em seguida, será abordado o cogito irrefutável da existência humana, tendo em vista que este é considerado o fundamento da comunicação, pois na medida em que o indivíduo ama se torna pessoa e é pessoa quando ama. Dito isso, compreender-se-á que o amor é o motor e a fonte da disponibilidade e, com isso move o eu numa atitude de entrega ao outro, e por conseqüência, ter-se-á demonstrado que o amor possibilita a personalização. Logo após será tratado sobre o tema da conversão pessoal, pulsação que complementa o impulso fundamental para ir em direção aos outros. De modo geral ela consiste em transformar a vida egoísta numa vida disponível.

E por fim, demonstrar-se-á o sentido último das relações interpessoais e a partir disso, a necessidade e a importância de manter vínculos com as pessoas será fundamentada. A pessoa será vista como uma promessa a se realizar plenamente e isso se dará apenas numa perspectiva de comunhão, em que tudo aquilo que o eu é se torna disponível ao outro e vice-versa, desta maneira o eu encontrará um sentido para a sua existência, o de capacitar a suas potencialidades para doar a sua singularidade a um todo, desde modo a vocação da pessoa se realizará numa unidade com todos. Dito isso, será perceptível que o melhor lugar para que a pessoa possa realizar-se como tal é na comunidade, está que terá como modelo a comunidade perfeita, assim a comunidade terrena será a porta de acesso para a plenitude. Dentro desta perspectiva apresentar-se-á que a concepção interacionista da pessoa será a resposta, a reação de Emmanuel Mounier perante o individualismo e coletivismo, estes que desvalorizam e não visam às exigências legítimas do ser pessoa.

1 AS SOMBRAS DO SÉCULO XX

Apresentar de maneira geral o contexto do século XX implica comentar, brevemente, as principais tragédias que o constituíram, as suas perspectivas sobre a racionalidade, que por sua vez, era considerada o fundamento das ciências. Mostrar-se-á, na leitura de Mounier, a situação da filosofia perante as sombras existentes e, também os caminhos que levaram a uma profunda crise do século e que, por consequência, despertou nos homens uma profunda angústia.

1.1 O CAMINHO INSEGURO DA RAZÃO

O século XX teve o seu início entre 1880 e 1914 e se destaca em dois aspectos: primeiro, pelos seus avanços tecnológicos que foram resultados de um grande triunfo da razão e, segundo, pelos seus crimes organizados, racionalmente, os quais refletiram em escala planetária. A Primeira Guerra Mundial é lembrada, principalmente, pela sua incalculável e extraordinária crueldade, isto é, pelos milhões de vítimas, milhares de sobreviventes traumatizados, gerações exterminadas, bombardeios aéreos e armas químicas deixaram marcas inapagáveis e, deste modo ela:

[...] **constitui o primeiro sintoma de uma pulsão suicida que não cessará de devorar a Europa.** O início dramático - tão inesperado, tão espetacular quanto, dois anos antes, o naufrágio do *Titanic* - de um processo de regressão pleno de ameaças para o futuro [...] (DELACAMPAGNE, 1997, p.70). (grifo nosso)

Muitos intelectuais da época, segundo Delecampagne, apresentaram julgamentos pessimistas sobre o futuro da Europa. Como exemplo, tem-se o poeta francês Paul Valéry que em suas cartas sobre “A crise do Espírito” escreve: “Há a ilusão perdida de uma cultura europeia e a demonstração de impotência do conhecimento para salvar o que quer que seja. Há a ciência atingida em suas ambições morais, e como que desonrada pela crueldade de suas aplicações...” (VALÉRY *apud* DELACAMPAGNE, 1997, p.70). O império da razão entra em decadência e, junto com ele, os seus arquitetos. O clima de desespero pairava sobre a Europa,

como também por toda a humanidade. O que fazer quando o alicerce não suporta o edifício? O que fazer, quando a razão considerada o maior triunfo da civilização voltou-se contra o seu principal propagador, o homem? Em meio às frustrações e inquietações surgiram muitos questionamentos com relação ao papel da filosofia de não ter prevenido ou alertado sobre a catástrofe:

O racionalismo teria morrido nos campos de batalha? O projeto do iluminismo teria desmoronado em verdun, engolido pela lama do Chemim dês Dames? Alguns temem que sim. Vimos como Russell, a partir de 1915, renuncia a toda a atividade matemática, para dedicar o melhor de suas forças a tarefas políticas. Até Wittgenstein, que não é um pacifista, é abalado pela guerra. O tom gelado do “*Tractatus*”, o distanciamento que nele se exprime em relação à vida, o sentimento do mundo como “totalidade limitada” que é o seu pano de fundo - tudo isso não é, em parte, o efeito de uma singular experiência da morte? (DELACAMPAGNE, 1997, p.71).

Sabe-se que a situação em que os homens se encontram, dentro de um contexto, no qual a tensão do catastrófico é factível, leva-os ao niilismo¹. De fato uma das características visíveis presentes neste século do horror é a característica torturante, esta que será anunciada por vários escritores contemporâneos. A obscuridade surge do desmoronamento da razão que, por sua vez, suscitou vários questionamentos acerca da sua infalibilidade ilimitada no que se refere ao fundamento das ciências:

A partir de Hiroshima [...] não é o espectro do comunismo nem tampouco do capitalismo que ameaça este século, mas o da catástrofe maior produzida pela mão do homem que, não somente suscita o medo, mas também semeia a dúvida sobre os fundamentos mesmos da racionalidade das sociedades industrializadas (JAPIASSÚ, 1996, p.42).

Mounier fala das sombras de medo que foram inauguradas com as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, inaugurando uma era de angústia e fanatismo escatológico, com apologias ao fim do mundo. Diante desta realidade, o homem do século XX “sente-se, nos dois sentidos do termo, perdido num universo que a seus olhos, torna-se a um tempo, cada vez mais esmagador e insignificante” (MOUNIER, 1958, p.25). Daqui surgem as expressões utilizadas por Heidegger e Sartre: o homem está só, lançado por aí, para nada, num mundo absurdo. Nota-se uma desolação metafísica, pois a humanidade está desprovida de sentido e, por isso, pode-se dizer que a única saída é desejar desaparecer. O homem se encontra em tal situação pelo fato de que “os seus artifícios desenvolveram-se num ritmo tal

¹ Falta o fim; falta a resposta ao “por quê?”; niilismo significa que os valores supremos se desvalorizam e, isso implica em dizer que os seus pressupostos são: Que não exista uma verdade; que não exista uma constituição absoluta das coisas, uma “coisa em si”. De acordo com Giovanni Reale, o niilismo leva à desvalorização e à negação dos seguintes princípios: a) princípio primeiro, Deus; b) fim último; c) ser; d) bem; e) verdade (REALE, 1999, p.19-21).

que se revelou muito mais rápido que o seu ritmo de assimilação” (MOUNIER, 1958, p.33). Pode-se dizer, então, que o homem se encontra numa situação paradoxal, no sentido de que houve um grande aumento no processo tecnológico e que os alicerces humanos não foram capazes de suportar.

1.2 “O MAQUINISMO” (MOUNIER, 1958, p.47)

As duas Guerras Mundiais, “se não provocaram, imprimiram à motorização das estradas, à aviação, às radiocomunicações, uma subida em flecha. Aliás, a última dá o tom para as navegações interplanetárias e abre a idade atômica” (MOUNIER, 1958, p.33). Sabe-se, então, que as guerras e as pesquisas de técnica militar podem promover os progressos industriais e, por consequência, este universo põe em questão a própria condição humana. Este caminho denominado por Mounier, como sendo maquinismo, pode substituir uma estrutura humana e pessoal por uma situação desumana e impessoal, pois, a partir do momento em que se introduz a racionalização, na mecanização do trabalho, tem-se o risco de um aniquilamento da humanidade. Isso se dá, quando os avanços tecnológicos, em vez de realizarem a humanização da natureza pelo homem por meio da máquina, fazem o movimento inverso, isto é, a máquina se volta para o homem e lhe impõe a sua soberania:

A máquina é perfeitamente objetiva, inteiramente exprimível, sem interioridade, sem segredos. É porque a sua lei é a rapidez: se nada tem a esperar de si, por que razão faria os outros esperarem? [...] Entretanto dura, só porque dura o desejo do homem: por isso ela sustenta uma conspiração universal contra toda a espécie de vida interior. **Carrega consigo uma disposição a expulsar o silêncio e a paciência, a meditação e o repouso.** [...] A máquina estandardiza, racionaliza, leva ao uniforme tão essencialmente quanto o homem à diversidade (MOUNIER, 1958, p.91).
(grifo nosso)

A máquina econômica ou a máquina de guerra tritura, cruelmente, a vida pessoal e pulveriza a liberdade. Diante desta realidade fúnebre, torna-se visível que a máquina não traz a felicidade e nem a facilidade que promete; muito pelo contrário, despersonaliza e leva o homem a um estado de inércia. Aqui se caracteriza a ingenuidade moderna, pelo fato de acreditar que a máquina pudesse trazer a realização humana, porém não conseguiu fornecê-la. Por esta decepção o homem contemporâneo confessa a sua verdadeira angústia:

[...] à proposta da máquina de conquistar ele o seu reino, mas na luta e no risco, teme que ela venha arrebatá-lo e o império, essa aparente soberania do mundo que era feita apenas da longa imobilidade das coisas. [...] A máquina

é, enfim, uma grande provedora de insegurança [...] Para o indivíduo a catástrofe jorra, agora, das próprias estruturas do trabalho, cai de toda parte e não se sabe de onde vem. Jamais foi tão forte o sentimento de fatalidade e da nossa impotência como nesse mundo que nos oferece as chaves do poder [...] (MOUNIER, 1958, p.80-85).

A humanidade torna-se adolescente. O medo e a insegurança, de tomar em mãos a própria existência, tornam-se insuportáveis. Convém apresentar o sentido do desenvolvimento técnico, para que não haja uma interpretação parcial daquilo que Mounier defende, prioriza e afirma. A partir disso, segundo ele, a pessoa não se contenta apenas em pertencer a um meio, domina-o, e para isso “pressiona sobre a natureza para vencer a natureza, como o avião sobre a gravidade para se libertar dela” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.357). Dito isso, a máquina não deve ser considerada um mal, desde que é vista:

[...] como um instrumento, uma simples extensão material dos nossos membros. É de outra ordem: um anexo da nossa linguagem, uma língua auxiliar das matemáticas para penetrar, recortar e revelar o segredo das coisas, as suas intenções implícitas contra a linguagem, que ao precisar a idéia, a endurece e imobiliza (MOUNIER, 1958, p.77).

Contudo a máquina poderá ser considerada um mal, a partir do momento em que “sujeitar o homem às suas banalidades, repetições, ao seu dogmatismo primário” (MOUNIER, 1958, p.77). Se o homem não tem o domínio sobre o seu artifício, e este acaba por determinar e programar a sua vida tem-se uma grande força em favor da despersolização humana. Entretanto torna-se necessário apresentar as origens deste mal de século, em que o homem é a presa de suas próprias armadilhas.

1.3 A CIVILIZAÇÃO BURGUESA E INDIVIDUALISTA

A sociedade burguesa, segundo Marx, surgiu das ruínas da sociedade feudal que, por sua vez, não atendia, com o seu modo de exploração, o crescimento dos novos mercados. Deve-se salientar que a burguesia é fruto de um longo processo de desenvolvimento e que, mediante a sua existência, criou-se o proletariado, ou melhor, para a existência da burguesia é necessária a existência de um proletariado, pois este sustenta aquela. Enfim, a concepção burguesa é o termo de um período de civilização que se desenvolveu na Renascença e se faz presente, no tempo contemporâneo e, por conseguinte:

[...] fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, no lugar da

exploração mascarada por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despudorada, direta e árida (MARX, 1848, p.48). (grifo nosso)

Diante do contexto de uma civilização burguesa, na qual o conforto é o que o heroísmo era para o Renascimento, e a santidade para a cristandade medieval, ou seja, um valor último, surge a revolta do indivíduo, isto é, do proletariado contra esse sistema, que coloca a pessoa como mero instrumento e, é claro, não se coloca em questão as exigências legítimas das pessoas. Em contrapartida, logo se desviou para uma concepção do indivíduo singular, que defende os seus próprios interesses e, desta maneira, demonstrou-se que “toda a decomposição das comunidades sociais se estabelece sobre um desmoronamento do ideal pessoal proposto a cada um dos seus membros” (MOUNIER, 1967, p.25). Porém, é necessário ressaltar, juntamente com Mounier, que a crise espiritual do homem clássico europeu teve o seu nascimento com a civilização burguesa. Resta-nos saber que a crise, pela qual se desencadeou, teve como denominador o individualismo:

[...] um sistema de costumes, de sentimentos, de idéias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Foi a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre o século XVIII e o século XIX. Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações; instituições reduzidas a assegurar a instalação de todos estes egoísmos, ou o seu melhor rendimento pelas associações voltadas para o lucro; eis a forma de civilização que vemos agonizar, sem dúvida uma das mais pobres que a história jamais conheceu. **É a própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário** (MOUNIER, 2004, p.44-45). (grifo nosso)

Pode-se perguntar qual será o fim de uma civilização, em que o individualismo torna-se a sua maior expressão? Ou melhor, é possível a permanência do ser humano, em um mundo em que predomina o individualismo? Diante destas questões pode-se dizer que o século XX cultivou a sua decadência, desde o momento em que o próprio homem se enterrou, num mundo de horrores e adversidades. Duas Guerras Mundiais que revelaram “choro e ranger de dentes” (Mt 24,51) ². O Nazismo, na Alemanha, e o fascismo, na Itália, foram os principais protagonistas da Segunda Guerra Mundial que, por sua vez, mostrou gemidos e lamentos de morte. Podem-se caracterizar estas realidades, supracitadas, como sendo a consequência de um sistema individualista.

Desordem econômica e política, traição de valores mais essenciais, tais são os aspectos importantes da desordem. Mas o mal é mais grave ainda: ‘Foi necessário render-se à evidência: a inquietação não estava somente nas sensibilidades bastante preciosas, ela transpirava de um mal profundo.’ Este

² Texto extraído da versão da Bíblia de Jerusalém

mal profundo é a crise do homem do século XX, a crise da civilização ocidental. A desordem é, antes de tudo, espiritual. O individualismo é a raiz do mal (MOIX, 1968, p.60-61).

O individualismo leva o homem à decadência, pois este se volta para si, e desta forma, torna-se isolado. Suspenso por si e em si e para si, não participa do outro, pois só participa de si, não se ocupa com o outro, pois está ocupado consigo. A partir disso tem-se um mundo da indiferença, da dispersão, da despersonalização, da irresponsabilidade com o próximo, da ausência de renúncia, da desapropriação, enfim, do vazio existencial. O que fazer quando o homem corre o risco de perder-se em seu próprio ser? Esta questão revela a problemática que envolve os tempos contemporâneos e, diante disso, tem-se como proposta para a recuperação da pessoa humana o personalismo comunitário de Mounier. Mas antes de aprofundar esta proposta, fazer-se-á uma breve abordagem sobre os regimes totalitários que constituíram a Europa no século XX.

1.3.1 O Fascismo

O termo fascismo designa o regime que se implantou na Itália, no ano de 1922 e que se serviu de virtudes tais como: a honestidade, reconciliação nacional, patriotismo, sacrifício a uma causa, dedicação a um homem, afirmação revolucionária e um grande respeito à ordem. Contudo o termo fascismo, também, se emprega para designar um fenômeno histórico do pós-guerra que pode resumir-se deste modo: “num país esgotado ou desiludido, ou pelo menos, possuído de um forte sentimento de inferioridade, produz uma colisão entre um proletariado desesperado, tanto no plano econômico como no plano ideológico” (MOUNIER, 1961, p.39).

Em primeiro lugar, o fascismo coloca o indivíduo subordinado à nação, esta que necessariamente não está a serviço da pessoa, mas ao contrário, a pessoa está à disposição do Estado, pois este “é a necessidade central do indivíduo, a expressão completa do devir do espírito” (MOUNIER, 1961, p.47). Perante esta constatação, nota-se que existe um antipersonalismo que anima o sistema. Partindo disso, tem-se que o Estado é mais interior ao sujeito do que este consigo mesmo e, com isso, pode-se dizer que a verdadeira liberdade se constitui na adesão e fusão total na vontade do Estado que, por sua vez, engloba e anima a vontade individual. Portanto o fim do indivíduo é a sua identificação ao Estado, como o fim da pessoa para o cristão é a sua identificação a Deus.

O antipersonalismo do fascismo italiano é radical. O indivíduo vive na nação, de que é um elemento finitesimal e passageiro e de cujos fins ele deve considerar-se o órgão e o instrumento. Não somente desprezível, a pessoa é o inimigo, o mal. É aqui que se manifesta o profundo pessimismo acerca do homem que esta na base do fascismo como de todas as doutrinas totalitárias desde Maquiavel e Hobbes: o indivíduo tende inevitavelmente para o atomismo e o egoísmo, quer dizer, para o estado de guerra, a insegurança e a desordem (MOUNIER, 1961, p.48).

A partir do momento em que o fim último do Estado não é promover o desenvolvimento do indivíduo e não o leva ao engajamento é à responsabilidade social corre-se o risco de um declínio total do Estado. O que não se pode esquecer é que um Estado é formado por indivíduos e que estes não devem ser fechados a tal ponto em dizer que o homem tende a permanecer em suas misérias. É preciso acreditar que o homem possui a capacidade de superar os seus limites. Afinal, que sentido teria a existência de um Estado se não for à personalização daqueles que o compõem?

Contudo, perante o fascismo, a independência e a iniciativa das pessoas são negadas e constrangidas pelas exigências de uma coletividade. Ele próprio, o indivíduo, a serviço de um regime.

1.3.2 O Nazismo

A Alemanha é marcada por um dos absurdos e, talvez, um dos piores de toda a história da humanidade, conhecida como Auschwitz. Tudo iniciou com a nomeação de Adolf Hitler, pelo Presidente Hindenburg, como Chanceler do Reich, no dia 30 de janeiro de 1933. Por causa disso não demorou alguns meses para que uma lei demitisse os funcionários judeus e comunistas. A comunidade judaica, então, via-se ameaçada, em direção ao exílio. Pode-se perguntar: quais as motivações que levaram Hitler a eliminar os judeus e comunistas? Quais as suas aspirações, os seus sonhos, a sua finalidade última com relação à Alemanha?

Sabe-se que o sonho nazista era de criar, através da pureza, um mundo harmonioso e, com esta intenção, uma nova Alemanha surgia. Com este desejo, propagou-se o mito “Corpo do Povo” da Alemanha, em que a massa era vista como um corpo com o seu sistema circulatório, o qual iria se transformar o elemento básico do nazismo para a purificação racial.

No dia 30 de janeiro de 1939, inicia-se uma grande agitação, pois os nazistas comemoram a ascensão de Hitler ao poder. E em março do mesmo ano, é feito um

pronunciamento que apresentava as expectativas dos artistas alemães, com relação ao governo e determinava que a arte e a cultura bolchevique fossem destruídas. É importante dizer que a arte, nos anos 20, era fundamental para os nazistas, pois acreditavam que a arte era o espelho da saúde racial.

Hitler costumava dizer ser a arte o produto da grandeza política nacional. Arte e política eram por ele concebidas como uma única e mesma coisa e a elas fazia constantes referências, como termos quase intercambiáveis. [...] sentia-se lisongeadado ao ser considerado tanto chefe artístico, quanto chefe político. Na literatura nazista, são constantes as referências ao 'mestre construtor do 3º. Reich' ou ao 'artista político' (LENHARO, 1986, p.36-37).

Percebe-se que Hitler usou os seus dons artísticos na política, pois criou os programas vinculados ao seu governo, desde os uniformes, até as bandeiras e estandartes. A sua criatividade, as suas estratégias, as suas ambições eram tamanhas que contaminava o povo alemão. A crença de que o maior princípio de beleza é a saúde levou uma grande parte dos médicos a compactuarem com o programa nazista. Assim o médico deixa de estar a serviço do indivíduo e passa a curar o corpo da raça, isto é, o corpo do povo alemão. Para isso surgiram escolas especiais que ofereciam curso de medicina nazista. Contudo o desejo de criar um novo homem teve grandes conseqüências tais como: a esterilização do doente devido à hereditariedade; a eliminação de doentes incuráveis; proibição de casamentos entre judeus e alemães; enfim, todas essas medidas têm por fio condutor o embelezamento do mundo e, para que isso se torne realidade, era necessário para o nazismo eliminar a miscigenação e a degeneração, pois estes poluem o mundo.

A concepção de pessoa para o nazismo é extremamente egocêntrica e individualista, pois o seu reducionismo acerca do humano leva a adotar medidas opressoras e ofensivas. O que dizer quando a pessoa humana não é vista em sua integridade, mas sim, pela sua parcialidade? Para responder esta pergunta basta recorrer aos pressupostos do nazismo, enunciados acima. Portanto com a pretensão de enquadrar todos os homens num único sistema rígido corre-se o risco de uma grande destruição em massa. Foi o que aconteceu com o nazismo, milhares de pessoas foram mortas em campos de concentração, simplesmente pela ambição diabólica de alguém, ou de uma nação que confundiu o universo com os seus vilarejos.

Hannah Arendt, ao se referir aos campos de concentração nazistas, sublinha sua instrumentalidade para a consecução dos objetivos mais caros ao nacional-socialismo: **a coisificação da personalidade humana**, o controle científico da espontaneidade enquanto expressão de conduta. Os campos serviam como laboratório, espaços sociais de experimentação de um modelo

perfeito para um regime de domínio total a ser aplicado em larga escala (ARENDR *apud* LENHARO, 1986, p.77-78). (grifo nosso)

Contudo os esforços do nazismo de purificar a raça alemã acabaram em suicídio. A sua decadência é fatal, pois tudo o que não está voltado para a personalização da pessoa está contra ela e, quando isso é visível, a tendência de qualquer regime totalitário é sucumbir.

Diante da realidade supracitada, em que o nazismo e o fascismo desempenharam um forte papel, na história da humanidade percebe-se um clima de coletividade e individualismo que perpassa o século XX. Neste mundo impessoal, em que o espírito comunitário está praticamente ausente, “há um momento em que o indivíduo e suas avarezas parecem abafados. É quando uma massa de homens se abala e diz: Nós outros. Nós, proletários. Nós, fascistas. Nós antigos combatentes. Nós, jovens” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.150). Nós, nazistas. Estas sociedades “em nós” estão sujeitas a despersonalização, quando sacrificam individualidades para atingir os seus objetivos particulares. Contudo pertencer a um grupo, o fato de estarem unidos, não significa que se tem a primazia de um espírito comunitário. Diante disso apresentar-se-á mais adiante o que caracteriza uma verdadeira e autêntica comunidade, tendo em vista que o que se pretende, neste trabalho monográfico, é mostrar a importância da comunidade para a formação integral da pessoa, esta que se dá por meio das suas relações interpessoais.

Frente a esta crise mundial e à crise da civilização, Mounier propõe “Refazer a Renascença”,³ mediante uma revolução que formasse uma nova visão de pessoa e de comunidade. Tanto em Mounier como em outros pensadores, percebemos a urgência em edificar a necessidade de refazer um mundo, uma humanidade diferente. A palavra revolução, adotada por Mounier é também adotada por pensadores marxistas, em muitos momentos, no sentido de se entender a revolução como mudança radical, como conversão íntima e comunitária.

Mounier propõe uma nova civilização. Esta nova civilização vai contra o conceito de civilização individualista e burguesa que, até então, imperava e continua presente em nossa sociedade. Vai contra, também, o conceito de uma civilização coletivista e, dessa maneira, o binômio pessoa e comunidade vêm caracterizar a proposta personalista de Emmanuel Mounier. Para melhor elucidar o tema, apresentar-se-á um breve histórico deste ilustre pensador e as características de sua filosofia personalista.

³ *Refazer a Renascença* é o título do primeiro artigo de Mounier na revista *Esprit*, já em 1935.

1.4 O SURGIMENTO DE UMA FILOSOFIA A SERVIÇO DA PESSOA, EM MOUNIER

Emmanuel Mounier nasceu em Grenoble, em 1º de abril de 1905. Filho de família modesta, após cursar, brevemente, a Faculdade de Ciências, dedicou-se à filosofia, em 1924, tendo por mestre Jacques Chevalier em Grenoble. Terminando seus estudos com Chevalier, parte para Paris, onde começa o magistério, em 1928 e ganha bolsa de doutorando de três anos. Nessa época conhece Maritain, Jean Guitton e o padre Pouget. Em outubro de 1932 Mounier inaugura a revista “*Esprit*”, pela qual renunciou à vida acadêmica. “*Esprit*” foi o meio, um movimento que efervesceu e divulgou o pensamento personalista. Em 22 de março de 1950, faleceu por um colapso cardíaco (SEVERINO, 1974, p.1).

O personalismo de Mounier surge de um contexto de crise política e espiritual, isto é, em meio às tragédias que assombram o século XX nasce o que se considera uma filosofia a serviço da pessoa. É importante ressaltar que a pretensão deste jovem e ilustre pensador não é formar um sistema filosófico, mas promover a pessoa humana em sua integridade. Diante dessa intenção, a filosofia de Mounier se encontrar-se-á entrelaçada com o universo da pessoa humana, ou seja, “a História da pessoa será paralela à história do personalismo. Não se desenvolverá somente no plano da consciência, mas em toda a sua grandeza, no plano do esforço humano para humanizar a humanidade” (MOUNIER, 2004, p.17). Esta humanização é uma das finalidades elementares da filosofia personalista:

[...] que tem o cuidado de permanecer sendo uma aventura aberta. Está voltado mais para o futuro que para o passado. Quer desembaraçar os valores de todos os mal-entendidos que os retém prisioneiros. A Rigidez do sistema, o personalismo opõe a dupla exigência do rigor e da flexibilidade, da permanência e da atenção a tudo o que nasce [...] (MOIX, 1968, p.181).

Muito mais que uma atitude, o personalismo, portanto, é uma filosofia. Contudo, não é um sistema. Aqui, percebe-se uma das características marcantes da filosofia mounieriana, a sua forma asistêmica; porém o próprio Mounier diz que o personalismo “não foge à sistematização; porquanto o pensamento necessita de ordem.” (2004, p.16) Ainda, pode-se chamar o pensamento mounieriano de filosofia, porque define estruturas e introduz nelas o princípio de imprevisibilidade que impede que se busque qualquer tipo de sistematização. Isto permite ao personalismo uma abordagem da existência das pessoas como existências livres e criadoras.

O pensamento mounieriano é uma filosofia do engajamento, a qual Mounier atribui grande importância pelo fato de que o engajar-se “é uma exigência essencial da vida

peçoal” (MOIX, 1968, p.176). Pode-se dizer que, por meio da ação, a pessoa humana transforma a natureza e a si mesmo, pois permite a manifestação de si em sua totalidade, de maneira criativa e livre.

A vinculação do seu pensamento com a ação é extremamente importante para o desenvolvimento da pessoa e, simultaneamente, da doutrina personalista, tendo em vista que esta é a finalidade da sua filosofia, isto é, promover de forma integral todas as dimensões que compõem o universo pessoal. Apesar de seu primeiro impulso ter sido à ação civilizadora, Mounier sentiu a necessidade da reflexão filosófica para fundamentar e fecundar a ação. Assim o pensador parte da pessoa e elabora a sua doutrina, o personalismo: “Se quisermos ter uma noção da humanidade, precisamos captar no seu vivo exercício e na sua atividade global” (MOUNIER, 2004, p.31).

A exigência da ação, do engajar-se é “que modifique a realidade exterior, que nos forme, que nos aproxime dos homens, que enriqueça de valores nosso universo” (MOUNIER, 2004, p.103). Aqui, encontra-se, levemente a importância do engajamento para a existência humana, pois favorece a formação daquele que executa a ação e a recebe, a suas potencialidades, as suas virtudes, enfim a sua unidade pessoal:

Ora, nunca relações entre pessoas se podem estabelecer em um plano puramente técnico. Desde que o homem é presente todos são por ele contaminados. Agem até pela qualidade da sua presença. Os próprios meios materiais tornam-se meios humanos, vivem nos homens, por eles modificados e modificando-os a eles, ao mesmo tempo que integram essa interação num processo total (MOUNIER, 2004, p.105).

Encontra-se, aqui, uma perspectiva relacional à qual Mounier atribui grande significado, pois está implicado no engajamento. É, no contato com o outro, que cada pessoa faz a experiência de si. A partir do outro, tem-se a possibilidade de um desvelar-se do próprio ser; porém isso se torna factível, desde que a acessibilidade, a disponibilidade estejam presentes. Este tema será abordado, com maior profundidade, com o paralelo da filosofia de Mounier, com a ontologia da relação de Martin Buber e a existência do outro em Sartre.

2 PARALELOS ENTRE AS RESPOSTAS DE BUBER, SARTRE E MOUNIER

Apresentar paralelos e confrontos entre Martin Buber, Sartre e Mounier é uma alternativa viável e oportuna, tendo em vista que estes grandes filósofos viveram o drama do século XX e, por isso, trazem consigo as marcas de uma profunda crise. Engajados nesta realidade souberam dar respostas acerca da condição humana que, em face ao desespero, a angústia, a perda de sentido, do medo, do clima de individualismo e de coletividade corria o risco de se esvaír de suas próprias mãos.

2.1 UMA FILOSOFIA DA RELAÇÃO EM MARTIN BUBER⁴

A contribuição de Buber para com o homem contemporâneo é muito significativa, pois, este o encaminha a uma revisão acerca do sentido da existência humana, uma vez que “a sua vocação consiste em levar os homens a descobrirem a realidade vital de suas existências e a abrirem os olhos para a situação concreta que estavam vivendo” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.XVII), isto é, o individualismo e coletivismo. A partir disso, ele se propõe a descobrir o sentido do conceito de relação com a finalidade de significar aquilo que de essencial, acontece entre os seres da natureza e entre os homens e Deus.

Apresentar-se-á a filosofia da relação de Buber, a partir da sua obra “Eu e Tu”, que é considerada a etapa mais madura e completa de sua filosofia. Dentro da obra, encontram-se expressões criadas e utilizadas por Buber; que trazem consigo a epifania de um pensamento enraizado na pessoa humana, como um ser de relação. No que se refere a estes

⁴ Nasceu em Viena no dia 8 de fevereiro de 1878. Após o divórcio de seus pais, partiu para Lemberg, na Galícia, cidade onde moravam seus avós paternos. Buber passou assim a sua infância com seu avô Salomão Buber, grande autoridade da Haskalah. Junto desta família o jovem Buber teve a chance de experimentar a união entre a tradição judaica autêntica e o espírito liberal da Haskalah. A atmosfera era propícia para uma piedade sã e para um profundo respeito ao estudo. Teve aí a oportunidade de aprender o hebreu, de ler os textos bíblicos e de tomar contato com a tradição judaica. Aos quatorze anos voltou a morar com o pai. No ano de 1896 Buber entrou para a Universidade de Viena. Em 1938 partiu para Jerusalém e lá viveu por vinte sete anos. Foi professor de sociologia. Morreu em Jerusalém no dia 13 de junho de 1965 (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.XI-XV).

jogos de palavras, isto é, *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, Buber atribui a eles o nome de palavras-princípio que podem ser denominadas também como palavras-base ou palavras-fundamento.

É visível a importância que Buber concede as palavras-princípio, pois, segundo ele, a palavra é portadora de ser e, por isso, ela é muito mais que simples conjunto de símbolos e signos. Pode-se dizer que é, por meio da palavra, que o homem se introduz na existência, ou seja, ele se faz e se situa no mundo com os outros. Mediante a palavra, o homem manifesta a sua realidade interior e torna possível a relação, esta que é fruto do encontro; com isso, tem-se “a palavra como dia-logo, o fundamento ontológico do inter-humano” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.XLII). A partir disso, sabe-se que a pessoa humana nasce, numa comunidade lingüística, dotada de uma história e uma tradição. Dentro deste contexto, percebe-se o que, de fato, é evidente, que a pessoa que, ali veio a ser, tem acesso à sua história e, o que garante esta experiência, o vínculo com o presente, o passado e a antecipação do futuro é a linguagem, isto é, a palavra. Perante esta verificação pode-se dizer que a palavra é patrimonial e comunitária.

Não é a intenção de Buber apresentar uma análise lingüística, porém, e isso ele vai mostrar com clareza, é o significado existencial de tais termos que, por seu conteúdo e sua intencionalidade, são realmente os “princípios” da existência humana. Princípio é compreendido como fundamento existencial do “processo” de apelo à existência, à realidade do ser-homem. A palavra fundamenta a relação do homem. As “palavras-princípio” não significam coisas, mas anunciam relações; elas não descrevem algo que possa existir independentemente delas, mas, uma vez proferidas, elas fundamentam a existência, diz Buber (ZUBEN, 2003, p.120).

As palavras-princípio representam modos de ser que, ao serem admitidas à realidade, revelam a profundidade do relacionamento; com isso, se torna essencial demonstrar o papel significativo, em que as palavras-princípio têm sobre as relações em seus diversos níveis. Para isso a caracterização das palavras-fundamento se torna indispensável, porém, antes, é necessário dizer que a relação para Buber é essencial ou o fundamento da existência, pois ele parte do homem como um ser situado, inserido no mundo com o outro e, diante desta verificação, percebe-se o encontro da filosofia buberiana com pensamento fenomenológico.

2.2 AS PALAVRAS-PRINCÍPIO

Acentuou o filósofo da relação, de modo claro e distinto, as duas atitudes do homem perante o mundo e o ser. Essas atitudes se exprimem pelas palavras-princípio, isto é, o

Eu-Tu que é considerado “o ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.XLIV), e pelo *Eu - Isso* atitude que tem por característica a objetivação, ou seja, “a experiência de utilização” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p. XLIV). Diante destas atitudes, pode-se dizer que, ao proferir qualquer uma das palavras-princípio, fundamenta-se uma existência de maneira recíproca ou utilitária; por isso se diz que as palavras-princípio, uma vez anunciadas, fundamentam um modo de existir.

Observa-se que o homem atrai para si a realidade que o cerca, domina, explora, modifica, experiencia a natureza e adquire um conhecimento sobre a sua constituição e o seu modo de ser; porém, segundo Buber, “o homem não se aproxima do mundo somente através de experiências. Estas lhe apresentam apenas um mundo constituído por isso, isso e isso...” (1979, p.5). Diante desta condição, “o experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza ‘nele’ e não entre ele e o mundo” (BUBER, 1979, p.6). Compreende-se, então, que, por meio da experiência, o homem não forma relações e que experienciar o outro é dizer *Isso* e relacionar-se é dizer *Tu*.

O ser humano, como já se sabe, é um ser de relação e isso implica dizer que possui a capacidade de estabelecer vínculo com o seu próximo e, a partir disso, ressalta-se uma categoria considerada primordial para Buber, isto é, o “entre”, “lugar em que se torna possível a aceitação e a confirmação ontológica dos dois pólos envolvidos no evento da relação” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.XLVIII). O lugar em que se estabelece a relação é “o homem com o homem”, isso é a mesma coisa que dizer “entre”. Perante estas considerações, o caminho que se quer enfatizar é que o homem não pode gozar de sua existência sem o outro, e que o pensamento de Buber transcende a compreensão de um homem que se relaciona, ou seja, busca entender um homem que passou a existir, desde o momento que deixou ao outro a sua existência.

Dar-se-á ênfase à palavra-princípio *Eu-Tu*, pois este é o fundamento da relação, tendo em vista que quando “o isso está presente ao Eu não podemos dizer que o Eu está na presença do Isso” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, LII). Simplesmente, pelo fato de que a alteridade essencial se instaura somente na relação *Eu-Tu*; agora, no relacionamento *Eu-Isso*, o outro não se encontra em sua alteridade, ou seja, um não se torna presente ao outro. Com isso, para que haja, de fato, uma relação é essencial e necessário que um se torne presente ao outro; neste aspecto demonstrou-se aquilo que Buber caracteriza como *presentificação* e que esta acontece na relação dialógica.

A relação inter-humana no diálogo não se reduz a uma conversa, um meio de comunicação entre dois indivíduos. O diálogo é uma ação recíproca entre dois seres concretos e bem determinados. O Eu não se relaciona com “alguém”, mas com um outro bem determinado. Esta ação recíproca encerra não só a afirmação ou a aceitação da alteridade do outro, mas também a confirmação deste outro (ZUBEN, 2003, p.175).

A primazia, atribuída ao diálogo, isto é, o *Eu-Tu* em seu sentido mais profundo da existência humana, não deve desprezar ou tornar negativo a atitude *Eu-Isso*; ao contrário, é uma das maneiras do homem, perante o mundo que o circunda. É, por meio desta atitude, que o ser de relação desvenda os segredos da natureza sob a sua ação e o seu protagonismo; porém torna-se um mal através do momento em que o homem converge os seus valores, unicamente, a este modo de existência o qual favorece a indisponibilidade e a irresponsabilidade para com o outro, com o mundo e com Deus.

A partir da percepção de que, no centro das relações humanas, está o diálogo; nota-se a necessidade do elemento de totalidade que, por sua vez, “não é simples soma dos elementos da estrutura relacional. Esta totalidade se vincula à totalidade do próprio participante do evento. Esta totalidade deve ser entendida como uma con-centração em todo o seu ser” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.L). A centralidade do ser, colocada em conjunto entre as pessoas envolvidas na relação, apresenta-se de maneira total e, por conseqüência, tem-se a atualização do fenômeno da relação que é dada por meio da reciprocidade.

A relação dialógica existente entre *Eu-Tu*, acontece no momento em que a totalidade de um se entrelaça com a totalidade do outro. Não se pode esquecer que, para isso se tornar possível, é necessário que a palavra-princípio *Eu-Tu* fundamente a relação e, por conseguinte, a contemplação, a reciprocidade, a presentificação se tornam presentes, pois uma está implicada na outra, desde que a palavra-princípio *Eu-Tu* seja proferida.

Numa existência, que é fundada no diálogo, “se sobressai o fenômeno de resposta que é considerada uma das manifestações concretas da existência da esfera ‘entre’. Neste nível palavra e práxis se confundem, isto é, no nível do diálogo, ou em dia-logos é dia-praxis, já existe uma inter-ação ‘entre’ Eu e Tu” (ZUBEN *in* BUBER, 1979, p.LX) . Pode-se dizer que é, através das leituras dos escritos de Buber, que o fato de receber e responder a palavra é o cerne da categoria “entre” ou a expressão vivida pela reciprocidade existente.

2.3 A REALIZAÇÃO DO AMOR ENTRE O EU E O TU

“O amor é responsabilidade” (BUBER, 1979, p.17), pois, necessariamente, aquele que ama sabe dizer Tu. Porque aquele que responde, a partir de uma contemplação, doa-se ao outro e este o aceita, de modo que um torna-se presente ao outro e, com isso, gera-se a reciprocidade que, por conseqüência, gera o amor, a responsabilidade. A reciprocidade existente entre *Eu-Tu*, gera a unidade, a vida em diálogo, ou seja, não é o eu e nem o tu, mas sim *Eu-Tu*, que por sua vez gera o amor.

O amor é uma força cósmica. Aquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam do seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, sábios e tolos, belos e feios, uns após outros, tornam-se para ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face. [...] O Amor é responsabilidade de um EU para com um TU: nisto consiste a igualdade daqueles que amam, igualdade que não pode consistir em um sentimento qualquer, igualdade que vai do menor, ao maior do mais feliz e seguro, daquele cuja vida está encerrada na vida de um ser amado, até aquele crucificado durante sua vida na cruz do mundo por ter podido e ousado algo inacreditável: amar os homens (BUBER, 1979, p.17).

É importante não confundir o amor com o sentimento, pois este já se encontra presente na pessoa, diferente do amor que simplesmente acontece mediante uma relação dialógica, estabelecida entre as pessoas. Para a realização do amor é intrinsecamente necessária a relação de um Eu para com um outro, de modo, que a presença de um esteja presente no outro. À medida que a pessoa se relaciona com o seu próximo, ela se realiza, pois o fenômeno da resposta está vinculado no diálogo e, quando isso acontece, tem-se a atualização do ser de cada pessoa envolvida na relação. Aquele que responde, responde para um outro que, conseqüentemente, mantém a mesma ligação, mediada pela palavra. O amor acontece, quando existe a resposta comprometida e, com isso, tem-se a responsabilidade presente entre os pólos da relação, *Eu-Tu*.

A finalidade da relação é a atualização do ser, fornecida pela participação dos seres envolvidos na relação, os quais visam, simplesmente, à profundidade do diálogo, dada por meio do face-a-face e mediada pela palavra que possibilita a resposta que, em seguida, gera a responsabilidade, ou amor, segundo Buber. Contudo a atualização⁵ do ser depende da capacidade de participação, na vida do outro.

⁵ É um agir do qual eu participo sem poder dele me apropriar, onde não há participação não há atualidade. Onde há apropriação de si não há atualidade (BUBER, 1979, p.73-74).

Quando acontece a relação, com a confirmação, a aceitação e a doação mútua entre as pessoas, nesta atitude, o “Tu dá o pressentimento da eternidade” (BUBER, 1979, p.37). Sabe-se, então que Buber voltou-se ao esclarecimento do diálogo com Deus, com a intenção de torná-lo possível aos homens. A unidade, existente entre Deus, o homem e o mundo trata-se de uma comunhão, pois o Tu eterno ou o Totalmente outro engloba todas as outras relações.

Ao abordar as relações entre os homens, o mundo e Deus, evoca-se, ao mesmo tempo, o tema da verdadeira comunidade, apresentada por Buber que, de acordo com ele, não nasce, simplesmente, do fato das pessoas possuírem sentimentos umas com as outras, mas, sim, quando “todos estão numa relação viva e recíproca com um centro vivo e por estarem unidos entre si numa relação viva e recíproca” (BUBER, 1979, p.53). A construção de uma autêntica comunidade de pessoas perpassa pelo grau de reciprocidade existente e, a partir disso, para se medir a autenticidade de uma comunidade, basta saber o nível de relações estabelecidas. Outro fator determinante para a edificação da comunidade e o principal construtor é o centro ativo e vivo.

Ao manter a comunhão entre as pessoas e o centro ativo e vivo, mantém-se a integridade da pessoa humana. Afinal ela é um ser relacional; quando o eu está ligado com o outro e estes estão vinculados a um centro ativo, apresenta-se como resultado a concretização de uma comunidade autêntica que garante a atualização do ser. Ao exaltar a importância do centro ativo, no seio da comunidade, torna-se necessário apresentar o Totalmente Outro.

2.4 O DIÁLOGO COM DEUS – O TOTALMENTE OUTRO

O contexto de angústia e sofrimento, presente no século XX, no qual a civilização não tinha como ponto central o fenômeno da relação, constantemente renovado, corria-se o perigo de se estagnar, enrijecer em meio à crise espiritual, ocasionada pela ausência de participação na vida do outro e, como consequência desta realidade, não se tem a consciência do vínculo existente entre as pessoas; por isso, não se instaura “na subjetividade que é o lugar onde irrompe e cresce o desejo de uma relação cada vez mais elevada e absoluta” (BUBER, 1979, p.74). Com base nestas evidências, nota-se que é, na subjetividade, que amadurece a dimensão espiritual da pessoa e que as relações humanas imprimem o desejo de uma participação total com o ser do outro e com o Totalmente Outro. Assim a tarefa de Buber

constitui-se no fato de tornar possível o diálogo do homem com Deus, de recuperar a relação entre os homens, o mundo e Deus, pois, segundo ele, é isso que interessa ao homem e lhe é significativo e profundo a sua relação com o Tu eterno. De início, para o restabelecimento desta relação é necessária uma conversão radical “cuja força serena modifica a face da terra” (BUBER, 1979, p.63). Esta conversão se dá à medida que o homem se torna livre; para isso deve acreditar na unidade entre “a dualidade real do Eu e do Tu” (BUBER, 1979, p.69) e, a partir disso, se entregar ao encontro.

Desde quando acontece o face a face entre as pessoas e estas se doam, mutuamente, tem-se a relação e, quando a participação no outro é cada vez mais completa, isso possibilita a relação com Deus. O homem, para se relacionar com o divino, necessita, então, em primeiro lugar manter a relação com o próximo, pois é este evento que garante o cultivo e o constante desejo de uma relação perfeita, em que “o meu tu engloba o meu si - mesmo, sem, no entanto, ser o si - mesmo; o meu reconhecimento limitado se expande na possibilidade ilimitada de ser reconhecido” (BUBER, 1979, p.115). É visível a presença do ser dual do homem que, por ser dotado desta característica, tem a possibilidade de atingir o ilimitado. Para ressaltar ainda mais, pode-se perguntar: Como o meu ser limitado pode atingir o ilimitado? Dentro de uma perspectiva buberiana, ousa-se responder que é a relação o caminho, a via de acesso ao infinito. À proporção que o Eu se relaciona com o Tu e este se relaciona com aquele, este e aquele se tornam atuais. Isto favorece o processo de individuação tanto de um como do outro e, somente desta forma, tem-se o conhecimento mútuo. É na mutualidade, portanto, que se evoca a eternidade.

É viável dizer que o eterno “é o fenômeno pelo qual o homem não sai do encontro supremo do mesmo modo como entrou” (BUBER, 1979, p.127), pelo fato de que, ao entrar em relação com o eterno, recebe toda a plenitude da verdadeira e autêntica reciprocidade, sente-se acolhido e está totalmente vinculado à eternidade. Desta forma torna a vida impregnada de sentido, ou melhor, o sentido da vida e da comunidade é garantido.

Os momentos da suprema relação não são relâmpagos nas trevas, mas como a lua que se levanta, em uma clara noite estrelada. E, assim, a garantia autêntica de estabilidade no espaço, consiste no fato de que as relações dos homens com seu verdadeiro Tu, os raios que vão de todos os “Eus” ao centro, formarem um círculo. Não é a periferia, isto é, não é a comunidade que é dada primeiro, mas os raios, a conformidade da relação com o centro. Somente ela garante a verdadeira consistência da comunidade (BUBER, 1979, p.132-133).

A presença do centro vivo e ativo, na comunidade, é essencial e necessário à integração entre os seus membros; a unidade entre estes é garantida pela relação com o Tu

eterno que engloba e unifica todas as relações, pois, quando o eu entra em relação com Deus, passa a participar de maneira total; a sua totalidade vincula-se à totalidade do Tu e, desta forma, percebe-se que Buber atribui um sentido divino para a existência da humanidade. Sentido este que é realizar a unidade, a comunhão presentificada entre o mundo, o homem e Deus.

2.5 A EXISTÊNCIA DO OUTRO EM SARTRE ⁶

Pretende-se considerar apenas a análise mounieriana sobre a filosofia de Sartre, para que se possa buscar soluções às problemáticas envolvidas. Com esta intenção, usar-se-á do diálogo, que é considerada uma categoria essencial tanto na filosofia de Buber como de Mounier, para adentrar ao pensamento de Jean-Paul Sartre, no que se refere à existência do outro. Com esta atitude, mostrar-se-á a autenticidade do personalismo de Mounier que possui como grande marco existencial:

[...] a procura de uma síntese integral, sempre aberta e perfeita, <<de pontos de vista>> opostos, mas não contraditórios, segundo uma <<dialética>> crescente de unificação e de perfeição>>. Idealismo e materialismo, pessoa e sociedade, indivíduo e história, pensamento e ação... [...] O personalismo é o esforço de encontrar um diálogo dinâmico e progressivo entre estes valores expresso no combate entre eles (MARCHESE, 2005, p.48). ⁷ Tradução própria.

Dentro das perspectivas, anunciadas por Mounier, sabe-se que Sartre apresenta a chave do problema, no momento em que “o outro não é em mim a minha representação do outro: é um objeto subtilizado, mas ainda um objeto” (MOUNIER, 1963, p.141). No momento em que o outro é colocado como aquele que me olha, este olhar o constitui em

⁶ Nasceu no dia 21 de junho de 1905 em Paris. Perdeu, ainda cedo, seu pai e, em virtude de novo casamento da mãe, foi residir em La Rochelle. Desde cedo, Jean-Paul revelou-se possuidor de uma fantasia desenfreada. Seus professores qualificaram-no de inteligente, porém agitador e revoltoso. Em Rochelle, Sartre travou conhecimento com “esta burguesia certa de sua segurança, de seus deveres e, sobretudo, de seus direitos”. Em 1925, ingressou na Escola Normal Superior em Paris. Em 1928 tornou-se “agrégé de Philosophie” em após o serviço militar, foi nomeado para lecionar no Liceu do Havre. Mais tarde, exerceu o magistério no Liceu Henrique IV e, posteriormente (1934), no Instituto Francês de Berlim. Na época de seus estudos universitários, Sartre passou um temporada em Friburgo onde seguiu as lições de Husserl. Em 1939 foi convocado para o exército, tendo caído prisioneiro em 1940. Libertado, participou ativamente do movimento de resistência. Em 1943 publicou sua principal obra *L'Être et le Néant*. Professor de filosofia, literato e, finalmente, comentarista político e fundou a revista “Les Temps Modernes”. Observa-se que Sartre sofreu, na formação de sua personalidade, a influência da mentalidade existente na Europa no período entre as duas Guerras Mundiais, período de fermentações, esperanças, ilusões e fracassos, faleceu no ano de 1980 (GIORDANI, 1976, p.93).

⁷ [...] “la ricerca di una sintesi integrale, sempre aperta e perfettibile, di <<punti di vista>> opposti, ma non contraddittori, secondo una <<dialettica crescente di unificazione e di perfezione>>. Idealismo e materialismo, persona e società, indivíduo e storia, pensiero e azione... [...] il personalismo è lo sforzo di ritrovare un dialogo dinamico e progressivo fra questi valori spesso in lotta fra di loro” (MARCHESE, 2005, p.48).

objeto e, desta forma, é possuído por aquele que olha. Quando o eu adentra com o seu olhar, ou com sua maneira de ver, ocorre uma invasão no ser do outro, de modo que todo o ser se torna exposto e perde-se a privacidade ao ponto de correr o risco de tornar-se escravo, pois neste contato “torno-me irremediavelmente no que sou no momento do ataque” (MOUNIER, 1963, p.145). Perante as verificações, pronunciadas por Mounier, acerca das principais teses de Sartre sobre a existência do outro, percebe-se que a presença deste detém o segredo daquilo que eu sou e, com isso, pode-se inferir que a salvação do outro passa a ser a condenação do sujeito, pois este com o seu ponto de vista, no campo do eu, suspende todo o seu mundo, questiona-o, rouba-o. O universo do sujeito fica como que vazio, em seu interior; desta forma o outro se torna a condenação do eu. “O inferno são os outros” (SARTRE *apud* MOUNIER, 1963, p. 145), o sujeito é desprovido de sua liberdade, uma vez que é apreendido pelo outro, perde a possibilidade de se fazer ou de se projetar.

Compreende-se, então, o mal que o outro pode ocasionar quando fixa o seu olhar sobre o eu; porém só resta uma única saída, para voltar a ser sujeito, ou seja, fixar, por sua vez, o outro como objeto. O meio de resgate do sujeito, ou melhor, da salvação de si consiste na resposta, no rebate em direção daquele que objetiva. Isso implica na inversão de posição, pois não há, segundo Sartre, a possibilidade de permanecer dois sujeitos, sem que um não se torne objeto. Sendo assim, as relações humanas estarão em constante batalha, com a finalidade de conservar, preservar o máximo possível o outro objetivado.

A defesa consiste, simplesmente, em passar ao ataque. Mounier encontra em Sartre duas maneiras de objetivar o outro: o amor e a indiferença. A primeira forma consiste em tomar posse da liberdade do outro como liberdade: o ideal de amor. Não é a busca de um objeto, mas de controle da liberdade de um sujeito. Com efeito, o amor nasce do desejo de um outro-sujeito. Mas não é um desejo de reconciliação; antes é o desejo de aprisionar, de tornar a liberdade do outro para que não objetifique o eu. Todavia, tal processo possui uma contradição em si mesmo.

Desejo com efeito que o outro venha se atolar na minha liberdade, e que livremente venha, pois como liberdade o quero possuir. Peço-lhe, portanto, que seja objeto, ao mesmo tempo, que o quero como sujeito. E, mais ainda, para apreendê-lo como sujeito, é preciso que eu continue objeto para ele, e até objeto fascinante. Mas, deste modo, eu (sujeito) não o apreendo mais como projetara (MOUNIER, 1963, p.147).

De imediato, pode-se inferir, a partir de Sartre, a impossibilidade de se consolidar uma comunhão entre as pessoas, simplesmente, pelo fato de que, a relação existente consiste

em servidão, pois o homem não pode aproximar-se de outro, sem que um sujeite o outro, sem que um congele o outro ou monopolize o mundo alheio.

Ao consistir o agir, como se o outro não olhasse o sujeito, distraíndo-se de sua presença, se o outro o coisifica, o eu já não toma conhecimento desta coisificação; desta forma tem-se a objetivação pela indiferença. Dito isto, pode-se afirmar que a grande questão é que a relação com o outro está no fato de que, como sujeito, o eu busca o outro como sujeito. Mas para apreendê-lo como tal, o eu - sujeito tem que fazê-lo tomando o outro como objeto, diante da sua subjetividade, ou então, apresentar-se diante da subjetividade do outro objeto, incapaz de alcançá-la. Desta maneira, Sartre conclui que é impossível a comunicação dos existentes como sujeitos, pois “o outro pode existir para nós de duas formas: se o experimento com evidência, não posso conhecê-lo; se o conheço, se atuo sobre ele, só alcanço seu ser objeto e sua existência provável no meio do mundo” (2003, p.384).

Distante de uma atitude depreciativa no que se diz respeito às considerações de Jean-Paul Sartre sobre a existência do outro, Mounier reconhece a sua importância e as suas contribuições para o desenvolvimento acerca do olhar e da relação existente entre as pessoas. Aceita, sobretudo, a descrição do outro como um presença provocadora, a denúncia da impossibilidade de se alcançar o outro, a partir de uma perspectiva de objeto diante do eu - sujeito e a crítica do ser-para-outro. Entretanto, dir-se-á que a descrição sartreana é a do ser-para-outrem inautêntico e que é considerada válida, apenas, por apresentar um tipo de relacionamento, pois esta descrição não engloba a totalidade do ser-para-outro, e com isso, revela-se o aprofundamento da filosofia mounieriana.

O problema pode ser identificado, segundo Mounier, na determinação do olhar que o eu dirige para o outro. Sabe-se que a função legítima da visão é de determinar, fixar para possuir, apreender e, por isso, é possível o seu valor; porém não se pode reduzir a estas utilidades imediatas, tanto porque o eu não se restringe apenas por suas funções. Agora, para além destas evidências, ou utilidades técnicas, nota-se que o olhar “é a mais direta janela sobre o ser pessoal, o caminho central da invocação de pessoa a pessoa. Executor de obras vis, imobiliza-se e apossa-se. Mensageiro do soberano interior, invoca e oferece” (MOUNIER, 1963, 152). Dito isto, pode-se averiguar que a análise de Sartre nada evoca sobre esse ser essencial do olhar; e por isso o ser-para-outro descrito por ele é inautêntico, por não aludir à relação existente em sua abundância. Todo o relacionamento, em seus diversos níveis, é reduzido à posse e à necessidade de defender os interesses particulares. Há nesta visão uma espécie de paranóia, no sentido de que a perda da essencialidade da vida leva-o a

exagerar a consciência de si mesmo, isto é, quando se tem uma consciência empobrecida sobre o ser, isso o leva ao sentimento de que todo aquele que está à sua volta rouba o seu interior, o seu mundo. E, desde aí, “o seu universo é um universo de ameaça e de malícia concêntrica, de que é o centro irritável” (MOUNIER, 1963, 153).

É notável o valor afetivo e anormal presente na obra “O Ser e o Nada”, de Sartre, em que a relação é vista como algo insuportável, pois segundo ele, “os objetos, esses não nos deviam tocar... Mas, a mim, tocam-me e não o suporte. Tenho medo de entrar em contato com eles, como se fossem bichos, e bichos vivos” (SARTRE *apud* MOUNIER, 1963, p.154). A realidade do mundo da possessividade, expressa no pensamento de Sartre, em que o eu contamina e infecta o outro, com o seu mal interior, leva Mounier a questionar-se sobre o que é esse mal. E, mediante este questionamento, chega a desenvolver a noção de indisponibilidade, esta que “começa no cerne das relações que mantenho comigo mesmo” (MOUNIER, 1963, 155). E isso não foge a caracterização da filosofia sartreana, no que se refere à existência do outro.

A indisponibilidade desenvolve-se no eu, quando este se volta para si, de tal forma que a única coisa à qual ele se ocupa é consigo mesmo; com isso tem-se, como resultado, uma opacidade que, em seguida, é desenvolvida contra os outros. Então, ser indisponível é o mesmo que dizer inacessível para outrem, pois este é visto como um ladrão que rouba a interioridade daquele que se encontra amarrado e que o provoca sobre a sua conformidade com relação a si mesmo. O outro é encarado, como perseguidor, aniquilador do ser egocêntrico, ou melhor, daquele que se encontra em um estado de estagnação. Quando se diz que o eu está ocupado consigo, demonstra-se o demasiado cheio de Sartre, no em-si imóvel e improdutivo.

À medida que o sujeito se torna indisponível para com os outros, pelo fato de ser avaro consigo mesmo, pode-se afirmar, com profundidade, que o homem é uma paixão inútil, pois, por mais que queira, preserva-se e guardar-se para si, está condenado a se perder, ou melhor, “Quem ama a sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna” (Jo 12, 25)⁸. Percebe-se, também, que não é na liberdade que o homem objetiva o outro e o reduz a invasor, mas em um projeto de indisposição, de cuidado excessivo de si, de egocentrismo escravizador que não permite que este sujeito veja além de sua própria condição.

⁸ Texto extraído da versão da Bíblia de Jerusalém.

Para que se tenha uma reversão deste perder-se no próprio ser, é necessário e essencial colocar-se diante do outro numa atitude de disponibilidade, que implica em estar aberto ao mundo e as pessoas que o compõe, de maneira prestativa e sem desconfiança. Esta atitude exige um oferecer-se, um sair de si e ir em direção ao outro e, com isso, se estabelecer-se-á uma relação de sujeito para sujeito, sem a patologia de possuir o outro - doença que será substituída pela doação de si.

O personalismo de Mounier aponta cinco atitudes que são consideradas os modos de encarnação da disponibilidade. Em primeiro lugar, tem-se o ato de sair de si mesmo. Este é o primeiro passo para a disponibilidade que consiste em descentralizar o eu e colocá-lo numa posição de receptividade. Para isso é importante manter no centro da vida pessoal uma ascese de despojamento, pois, esta vem libertar o homem do seu amor próprio, do individualismo ou egocentrismo. Para complementar o ato de sair de si, tem-se em segundo lugar, o compreender. Esta atitude coloca o sujeito à não tomar a realidade apenas sob o seu ponto de vista, mas o leva a apreendê-la, junto com; esta forma possibilita o conhecimento mútuo e uma frutuosa relação de pessoa para pessoa. Pode-se dizer que o ato de compreender se resume na seguinte expressão mounieriana: “Ser todo para todos sem deixar de ser e de ser eu” (MOUNIER, 2004, p.47).

O tomar sobre si o outro é a terceira atitude para uma verdadeira compreensão do outro, isto significa assumir a vida do outro como sua, “o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas, sofrer na nossa própria carne” (MOUNIER, 2004, p.47). Para uma atitude de disponibilidade não se pode manter-se distante da individualidade do outro, mas, sim, se deve pôr junto ao outro, como irmão e, desta maneira, encontra-se o prefácio da experiência de comunhão, aonde se chega a viver, intensamente, o outro, ou seja, a singularidade do eu perpassa pela singularidade daquele e vice-versa. Percebe-se que a transcendência se revela como “transvivibilidade” (DANESE, 2002, p.394), ou seja, a vivência não mais de uma individualidade, mas a vivência das experiências do outro numa perspectiva de comunhão.

Dentro do itinerário da disponibilidade, encontra-se a quarta atitude que se refere ao doar-se, de maneira gratuita e generosa, ou seja, “oferecendo-se ele próprio ao outro como valor irreduzível” (MOUNIER, 2004, p.47), sem a preocupação de possuí-lo como objeto. Pode-se dizer, então que a ato de doar-se é fundamental, pois, quando o indivíduo resolve dar-se de modo gratuito, ele impossibilita a existência da inautenticidade que, por sua vez, consiste na atitude de defesa e posse.

Com a constatação de que “as dedicações pessoais, amor, amizade só podem ser perfeitas na continuidade” (MOUNIER, 2004, p.48), encontra-se no pensamento mounieriano, que todo o caminho para a disponibilidade se torna possível, se pautado na fidelidade. Este que é considerado o quinto passo e, para a permanência de todos os demais passos ou atitudes, é necessário ser fiel. A saída de si que leva o indivíduo a compreender o outro e assumi-lo e, por conseguinte, doar-se sem interesses, só serão verdadeiras, autênticas e perfeitas na continuidade, apesar das dificuldades encontradas. Esta continuidade deve ser vista como uma contínua renovação, ou seja, esta fidelidade é criadora. Perante esta dialética das relações pessoais, tem-se a confirmação e o desenvolvimento autêntico das pessoas que, ali, se encontram envolvidas.

Com a disponibilidade o outro e o eu tornam-se cooperadores, ou seja, “colaboro com a sua liberdade, como ele colabora com a minha” (MOUNIER, 1963, p.162). Desta forma, o outro é aquele que descobre a intimidade e a educa; com isso, cria-se uma experiência entre sujeitos que, por sua vez, seria impossível fora da realidade de encontro e, assim, a disponibilidade apresenta a sua primazia, quando este sujeito faz a experiência do inesgotável em si e no outro. Isso significa que por mais que o sujeito se dê e assuma o outro sempre terá mais a dar. Tendo em vista que, cada indivíduo sente a possibilidade de ser, infinitamente, mais aquilo que é. Diante desta condição, tem-se a explicação sobre o que suscita a vergonha, quando o ser descobre um aspecto que lhe é seu. Esta vergonha manifesta-se, de modo a lembrar o eu de que, este não é apenas um instrumento passivo da natureza e dos seus fins, mas, em sentido amplo, pode-se dizer que ter vergonha significa afirmar que o ser humano é feito para libertar de si mesmo, das suas mazelas e das suas ações paralisantes.

Portanto, é a partir da disponibilidade, alcançada pelos atos originais supracitados, que um sujeito poderá manter relações autênticas com os outros, sem a possibilidade destes de perderem a sua liberdade ou serem coisificados. Para o sujeito disponível, o olhar, ou “a presença do outro, longe de me imobilizar, surge, ao contrário, como uma fonte de méritos e é, indubitavelmente necessária à renovação e criação” (MOUNIER, 1963, p.157-158). Ao falar sobre renovação e criação entende-se que a disponibilidade retira o homem de sua tendência a desatualizar-se e, também, favorece a constituição de uma verdadeira comunidade.

3 A CONSTITUIÇÃO DA PESSOA: SER RELACIONAL E TRANSCENDENTE

Realizar uma abordagem da pessoa, em sua constituição dialética, implica apresentar a sua existência incorporada e o movimento de personalização o qual está inserida. A partir disso, tem-se como centralidade, a concepção da pessoa como tendo dois pólos fundamentais: a comunidade e a transcendência, com isso, apresentar-se-á o papel significativo que as relações interpessoais têm no processo de construção do ser pessoa, ou melhor, da passagem do indivíduo à pessoa. Verificar-se-á a resposta de Emmanuel Mounier ao individualismo e ao coletivismo que dominava a Europa, no século XX, e acompanha a humanidade nos dias atuais.

3.1 DE NATUREZA PARA CONDIÇÃO HUMANA

A pessoa é considerada a categoria fundante do personalismo, pois este se baseia numa fenomenologia da vivência global do homem e, por isso, parte da afirmação da vinculação do homem no corpo, ou seja, o homem possui uma existência incorporada. Segundo Mounier “a pessoa está mergulhada na natureza. O homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente ‘corpo’ e é integralmente ‘espírito’” (2004, p.29).

O personalismo questiona os espiritualistas que, dividem a realidade humana em duas substâncias distintas, *res cogitans* e *res extensa*, ou aceitam a independência plena dessas duas substâncias ou negam toda e qualquer realidade ao mundo material sendo este mera aparência do espírito. Mounier aponta muitas complicações para quem adere a essas posições. Na primeira posição, encontra-se o problema da união do mundo espiritual e do mundo material, pois, se ambas são princípios essencialmente antagônicos, como podem compor a mesma realidade? Haverá um terceiro princípio que, não sendo nem espiritual nem material, possa fazer a união dessas substâncias? No entanto, esta comunicação entre o espiritual e o material permanece, nesta postura, inexplicável. Já na segunda posição, é inevitável a constatação de um paradoxo. Sendo o espírito uma substância simples e superior à matéria, qual é a necessidade ou importância de que eles assumam uma aparência material qualquer?

São questões insolúveis para uma postura que não considere a realidade humana em sua globalidade. A estes espiritualismos, Emmanuel Mounier opõe, portanto, o realismo integral, que aborda a pessoa em sua integridade.

Sendo a pessoa ao mesmo tempo corpo e alma, todo anátema lançado contra a matéria ou contra o espírito conduz a graves erros. O Espiritualismo do espírito impessoal e o racionalismo da idéia pura não interessam ao destino do homem. O personalismo é um realismo integral porque capta todo o problema humano em toda a sua amplitude da humanidade concreta, da mais humilde condição material à mais alta possibilidade espiritual (MOIX, 1968, p.136).

Para afastar o reducionismo na abordagem da pessoa humana o Personalismo mounieriano apresenta uma purificação inicial na noção de natureza humana, tendo em vista que, na maioria das vezes, esta noção, demonstrou-se de maneira fixista, objetivante e, por fim, tornou-se uma definição. Sabe-se, porém que a filosofia de Mounier baseia-se numa noção de natureza humana, esta que, por sua vez, deve ser bem delimitada para evitar incoerências. Dito isso, é necessário acrescentar que a noção de natureza humana, explica o homem, mas, o que se percebe é que ela o faz de forma particular, isto é, desintegra o ser de sua totalidade. Não se quer dizer que esta maneira redutora de abordagem ao ser seja abandonada, mas, que não se reduza o ser a isso. A pessoa não é objeto de conhecimento ela só “se revela, no entanto, através de uma experiência decisiva..., não a experiência imediata de uma substância, mas a experiência progressiva de uma vida, uma vida pessoal” (MOUNIER *apud* SEVERINO, 1941, p.32). E com isso, pode-se dizer que a tarefa do personalismo é apontar, assinalar os elementos que favorecem esta experiência de pessoalidade.

[...] o homem um ser que é também aquilo que ele próprio se faz, uma noção fixista e estética da natureza humana negligencia os mais elementos constitutivos da pessoa. Ademais, o que Mounier visa é o ‘modo propriamente humano de existência’. Mas a realidade desta existência é um equilíbrio a ser constantemente readquirido, a ser sempre formado durante a experiência da vida. O que se constrói dificilmente se define estaticamente (SEVERINO, 1941, p.33).

Para que não haja uma compreensão reduzida ou limitada do ser, Mounier prefere falar de condição humana, uma vez que, este termo possibilita uma maior abordagem da pessoa em suas diversas dimensões, ou melhor, do absoluto humano que é a totalidade da história do homem. É a partir dessa noção intencional de condição humana que, o personalismo desenvolverá a defesa da pessoa contra os totalitarismos, os individualismos e tudo aquilo que vai contra a eminente dignidade da pessoa. Diante disso, uma das questões pela qual o personalismo não admite a noção estática de natureza humana é, porque isso vai

de encontro com a idéia de que a pessoa ultrapassa os seus limites e, por conseqüência, se renova constantemente, tendo em vista que “as relações entre a pessoa e a natureza não são relações de pura exteriorização, mas relações dialéticas de permuta e ascensão” (MOUNIER, 2004, p.38). Este ultrapassar consiste em transcender a sua própria condição, deste modo, tem-se que “a pessoa revelar-se-á então como uma ‘atividade vivida de autocriação, de comunicação e de adesão, que se apreende e se conhece em seu ato, como movimento de personalização” (MOUNIER *apud* SEVERINO, 1941, p.35).

Até, aqui, percebe-se que o indivíduo está inserido num movimento de personalização, isto é, num movimento que o torna pessoa como tal. Dentro desta perspectiva, nota-se que se a pessoa está em movimento, ela está em constante devir e, por isso, toda definição, acerca desta realidade, a empobrece e possibilita a sua desvalorização. Contudo para que não se tenha o risco de sistematizar as estruturas presentes no indivíduo, Mounier, introduz no centro delas um princípio de imprevisibilidade “que afasta qualquer desejo de sistematização” (MOUNIER, 2004, p.14), e, desse modo, a manifestação do humano acontece de forma livre e criadora.

Portanto, o homem é caracterizado como uma permanência aberta, uma natureza cheia de possibilidades. O processo de personalização possibilita que o homem se engaje com a totalidade de sua condição humana e, entre no processo dialético de interiorização – exteriorização. Para isso, o indivíduo não pode prescindir da presença do outro, e da comunicação com este, movimento fundamental para a personificação.

3.2 O MOVIMENTO DE PERSONALIZAÇÃO

A pessoa está inserida no mundo, e sofre as suas ações, porém ela não só recebe atuação como, também, atua de modo significativo e, assim revela a sua capacidade de voltar-se para a natureza e transformá-la, impondo a soberania de um universo pessoal. À medida que a pessoa transforma aquilo que está a sua volta ela transforma a si mesma.

[...] o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. E, o que é infinitamente mais, é capaz de amar. Um cristão acrescentará: foi capacitado para ser cooperador de Deus (MOUNIER, 2004, p.32).

Isso demonstra que o homem, está imerso na natureza, é parte dela, mas lhe é infinitamente superior, é natural, mas não só. “Os determinismos existem, mas não são absolutos. Não chegam a romper o curso do destino do homem. Cada um deles lhe traz uma nova promessa de liberdade” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.135). De fato, a pessoa possui uma dimensão que não se reduz a materialidade, basta observar as surpresas que a sua liberdade criadora faz aos fatores determinantes. Quanto a isso, Mounier, lembra que a criação de sete notas musicais, apesar de limitadas, proporcionaram vários séculos de criação musical. Com efeito, graças à transcendência inscrita na pessoa humana é possível contemplar a magnitude de suas obras.

É interessante reforçar que na construção do ser pessoa os condicionamentos têm um papel fundamental, afinal, para que se possa edificar algo é necessário e essencial que algumas condições já estejam estabelecidas. Imagine o que seria se, todo homem que nascesse deveria apreender a construir a roda, com certeza não seria possível o progresso da humanidade; porém para que isso aconteça às pessoas são determinadas a dar continuidade a partir daquilo que se tem.

No que se refere à continuidade daquilo que se tem, encontra-se neste aspecto um duplo movimento de transcendência, ou seja, uma dupla capacidade de romper com a natureza. Sabe-se que o homem é um ser natural, em meio a seres naturais, que possui a capacidade de conhecer a natureza em que se encontra e mais, é o único capaz de transformá-la, dominá-la. Ao explicitar esta verificação percebe-se o chamado do homem de personalizar o universo, e isso, é tão evidente que é impossível imaginar uma história do universo sem a história do próprio ser humano. A partir disso, constata-se que ter a vida como vocação é diferente de tê-la como um divertimento, pois, vocação implica responsabilidade, isto é, capacidade de responder sobre um comportamento diante de quem tem direito de saber acerca da razão última do ato. Deste modo, pode-se até dizer, que os avanços em diversas áreas da ciência são as respostas diante o chamado que é feito ao homem, isto é, à personalização permanente. Ao saber que quando o homem exerce a sua força sofre a natureza e, por conseguinte, isso, também, implica ou pelo menos deveria ser assim, a personalização do indivíduo, nota-se o sentido da ação humana, a de promover a realização da pessoa.

Agora, não se pode ser ingênuo, pois uma poderosa força de despersonalização se faz presente quando as produções, as instituições, não visam à instauração de um mundo de pessoas, simplesmente, porque o seu fim último não é a realização destas como tal, mas, sim, a lucratividade, a produtividade e, dessa maneira, “a era da técnica fará correr os maiores

perigos ao movimento de personalização” (MOUNIER, 2004, p.40); porém não se pode esquecer que a despersonalização pode proporcionar a personalização, quando o indivíduo toma consciência da sua miséria e, a partir disso, luta contra o desmoronamento do seu próprio ser.

O segundo movimento de transcendência consiste na capacidade que a pessoa traz em si de amar. Se no primeiro movimento o homem transcende a natureza; no segundo transcende a si mesmo. Diante disso, inferi-se, que o homem foi feito para ir além. Esse ir além ou superar-se acontece em duas dimensões uma horizontal e outra vertical que, segundo Attilio Danese “um empura para fora de si mesma em direção aos outros” e o que “a empura para o Outro” (2002, p.390). O fato do homem não se contentar em permanecer num estado de conformismo é uma prova da exigência da transcendência, pode-se elucidar ainda que a partir do momento em que o homem se encontra conformado com a sua situação isso impedirá a sua personalização, a própria superação, o progresso e a elevação a partir de um movimento de tensão dialética e equilíbrio.

Portanto o indivíduo só se torna pessoa, a partir do momento, em que adere ao movimento de personalização. Este é considerado o próprio exercício da dupla transcendência, ou seja, personalizar o mundo a sua volta e a si mesmo, isso faz parte da dialética em prol a constituição humana. Dito isso, compreende-se, que o indivíduo é aquele fechado em si, egocêntrico e que o contrário desta condição é a pessoa, dotada de características como: a abertura ao outro, a doação de si e a gratuidade. O indivíduo está para a transcendência. Neste sentido Mounier ressalta que “esta ascensão da pessoa criadora pode seguir-se na história do mundo. Aparece-nos como uma luta entre duas tendências de sentido oposto: uma é a permanente tendência para a despersonalização e a outra é um movimento de personalização” (2004, p.33). Este princípio pode se aplicar a toda formação da pessoa, e isso implica também em sua dimensão comunitária, tendo em vista que a pessoa se purifica do indivíduo quando vai em direção ao outro.

3.3 A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE

O itinerário da personalização não é estático, fechado, calculável e previsível e não possui uma única senda. Todavia, o caminho, ou o trajeto que leva o indivíduo à “montanha”, ou seja, aos mais altos cumes da humanidade, têm o seu ponto de partida, na comunicação, que torna possível as relações interpessoais. É visível que, a pessoa humana está inserida dentro de uma rede de relações e, que o isolamento ou o fechamento em si contribui para a degradação tanto da humanidade como dos próprios indivíduos, uma vez que estes estão implicados, pois não se pode falar de uma história da sociedade, da comunidade, da humanidade se não ressaltar aquele que possui a capacidade de conviver e de gerar. Deste modo, torna-se necessário tomar consciência em que se baseia a exigência ontológica de se estabelecer vínculos. Para que assim, possa-se combater toda a tentativa de individualismo e de coletivismo que perpassou e perpassa pela história do homem.

A comunicação, que favorece a compreensão do outro como outro, é tida como o ato primordial para Mounier e, é considerada uma das estruturas do universo pessoal. Tanto que, segundo ele, a comunicação é um “fato primitivo” (2004, p.45), pois, pode-se constatar que o indivíduo tem a primeira experiência do outro nos primeiros meses de vida. A criança tem como primeiro interesse a presença humana e, a ela se sente agregada, isto é, não tem consciência de si e considera-se parte da mãe. Com o passar do processo a criança começa a descobrir-se no outro e, assim percebe o seu próprio corpo e, sente a sua própria singularidade; perante esta condição, a criança só se sabe pessoa porque teve antes a experiência da pessoa do outro, pelo fato de que, o outro é um mediador, um facilitador para que o indivíduo venha torna-se pessoa, ou seja, sai do estado de egoísmo e passa para o estado de gratuidade. Portanto “o primeiro movimento que, na primeira infância, revela o ser humano é um movimento para outrem; a criança de seis a doze meses, saindo da vida vegetativa, descobre-se nos outros, prende nas atitudes que a visão dos outros lhe ensina” (MOUNIER, 2004, p.45). Deste modo será totalmente verídico dizer que “a experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa” (MOUNIER, 2004, p.46), isso equivale dizer que a formação da subjetividade depende da intersubjetividade. Em suma, a comunicação exerce um significativo e qualitativo papel, na descoberta de si e, na construção e identificação da alteridade pessoal.

A comunidade numa perspectiva, de integração das pessoas, tem como finalidade proporcionar o crescimento e a autenticidade de cada indivíduo; quando estes não são

autênticos, a comunidade é inautêntica, ou melhor, nem é comunidade. Quando se fala em integração compreende-se que entre as pessoas existe reciprocidade e complementaridade.

A comunidade não nasce de pessoas que se apagam, mas que se promovem plenamente... O nós comunitário só se realiza a partir do dia em que “cada um dos membros descobriu cada um dos outros como uma Pessoa, e começa a tratá-la como tal, a compreendê-la como tal”. Impossível fundar uma comunidade esquivando-se da pessoa (MOIX, 1968, p.152).

Desde o momento em que se olha o outro como pessoa tem-se, um grande passo para a transformação da realidade e, deste modo, à formação da comunidade. De fato, Mounier, apresenta que a comunidade é pessoa de pessoas, lugar onde se faz a experiência de comunhão, o eu vive no outro e este vive no eu. A transferência do eu para o outro e vice-versa só pode ser gerada onde se encontra o movimento de transcendência horizontal. Nota-se, uma estreita ligação entre pessoa e comunidade na qual uma não pode ser dita sem a outra. É mediante a comunicação existente entre o eu e o outro que o indivíduo sai da impessoalidade.

A pessoa só se realiza na comunidade: isso não quer dizer que ela não tenha nenhuma chance de fazê-lo perdendo-se no anonimato. Não existe comunidade verdadeira a não ser uma comunidade de pessoas. Todas as outras não passam de uma forma de anonimato de pessoas (LORENZON, 1996, p.7).

O despertar comunitário se deu como uma reação contrária ao individualismo e ao coletivismo, é o nascimento de uma nova humanidade. O interessante é que o surgimento da necessidade de um viver em comunidade autêntica deu-se primeiramente com a constatação do poder despersonalizante dos regimes totalitários, da discriminação racial, enfim, das experiências pautadas no individualismo e no coletivismo que permearam o século XX e que ainda está presente na atualidade.

3.4 A INTERROGAÇÃO DO OUTRO

Quanto mais o relacionamento recíproco entre as pessoas é profundo, maior é a maturidade pessoal, isso significa que aquilo que o eu é depende do quanto ele é capaz de doar-se. Neste sentido “a relação interpessoal positiva é uma provocação recíproca, uma mútua fecundação” (MOUNIER, 2004, p.49). Falar em provocação implica expressar o papel do afrontamento para a constituição da pessoa, ou seja, à construção da identidade pessoal e da alteridade. Neste aspecto, o outro é uma interrogação no caminho para a realização pessoal,

é o mediador da personalização, isto é, da passagem do indivíduo para a pessoa. Quando a pessoa é questionada por uma outra pessoa, aquela tem a oportunidade de atualizar, de reafirmar, afirmar, solidificar as suas convicções, os seus valores; enfim, autenticar o seu próprio ser. O outro é uma “provocação a uma tomada de consciência do meu eu” (LORENZON, 1996, p.31), assim, pode-se dizer, que a criança favorece ou contribui para que os pais descubram o sentido da paternidade e da maternidade.

A relação intersubjetiva faz com que o ser humano adentre no mais profundo ser, lugar este que as palavras são incapazes de expressar, por isso, reduzir o ser humano a objeto é um atentado aos mistérios do ser.

Jamais tomar um homem, uma mulher como um instrumento de uma coletividade, de um indivíduo, de uma ideologia, jamais reduzi-lo a uma de suas funções, se fazer disponível segundo os meios de cada um, respeitar nele uma espécie de segredo indecifrável que ultrapassa todas as visões que eu possa ter dele, fomentar nele uma espécie de desígnio irrecusável que traça sua vocação própria na unidade de todos (MOUNIER *apud* LORENZON, 1996, p.32).

A instrumentalização do ser é o sufocamento do ser, uma vez que, este é muito mais do que aquilo que se define, pois toda definição, como já se sabe, é redutora. A pessoa é indecifrável, pois, encontra-se num movimento de personalização que se orienta para a plena realização, e com isso, descobre-se a vocação da pessoa, o chamado a personalizar-se, a ser infinitamente mais, e isso é possível na medida em que a singularidade de cada um é entrelaçada um nas outras. E neste processo de personalização que os outros não são o inferno, nem o paraíso, mas co-criadores do eu.

Dentro da perspectiva comunitária é notável que a pessoa “não se nutre autonomamente” (MOUNIER, 2004, p.46), pois o papel do outro na formação da pessoa, na sua realização pessoal, é extremamente importante. A pessoa é um ser relacional, e ainda, se torna pessoa na medida em que se doa para o outro, ou seja, “só existo na medida em que existo para os outros ou numa frase-limite: ser é amar” (MOUNIER, 2004, p.46).

3.5 “*AMO ERGO SUM*” (MOUNIER, 2004, p.49)

O desabrochar da pessoa, encontra a sua base, na relação interpessoal dentro de uma circunstância concreta e vivencial, deste modo, considera-se como fruto do processo dialético das relações pessoais a, confirmação do ser, de cada participante envolvido no mesmo evento, apesar dos diversos obstáculos, a comunicação pela qual vincula um ser ao outro e gera a relação que só é autêntica e possível, desde que, se tenha uma atitude de disponibilidade perante o outro. Esta disponibilidade, como já se sabe, é constituída por cinco atitudes, necessárias para que o indivíduo possa estabelecer uma relação legítima: a saída de si, a compreensão, o assumir o outro, a gratuidade de si e a fidelidade. Contudo resta dizer que a autenticidade do ser disponível necessita da experiência do inesgotável em si e no outro; isso significa, que quanto mais o sujeito se doa, assumo o outro sempre terá mais a dar, pois a sua disponibilidade surge como uma fonte de vida e de renovação.

A experiência do inesgotável, que o sujeito faz em si e no seu próximo, dá-se, portanto, na transcendência do amor, tendo em vista, que este é o motor e a fonte da disponibilidade, o impulso interior de transcendência que envolve a pessoa em sua totalidade e a move em uma atitude de contemplação e de entrega ao outro; porém sabe-se que amar todos os homens é difícil, mas, se cada vez a pessoa se esforça para criar próximos em torno de si, terá mais facilidade de ser disponível a todo homem que encontrar.

Na base da comunicação está o amor. Ele é a “unidade da comunicação, como a vocação, é a unidade da pessoa”. Não é um acréscimo intempestivo. Sem amor nada existe. O amor não é nem consonância, nem complacência, nem simples agrado... O amor não identifica, ao contrário cria a distinção, reconhece o outro enquanto outro: “O amigo não pede ao amado que este seja seu reflexo, nem que o console ou o distraia, mas que seja ele mesmo incomparavelmente e que provoque um amor incomparável” (MOIX, 1968, p.146).

Quando o indivíduo ama torna-se pessoa e, é pessoa, na medida em que ama. Pode-se dizer que, o amor possibilita a personalização, pelo fato de ser a fonte da disponibilidade, esta que é necessária para a comunicação entre as pessoas, para a relação interpessoal. Dito isso, infere-se que a consequência dessa realidade, na qual o indivíduo torna-se pessoa quando ama, tem-se o amor como “o cogito irrefutável da existência pessoal: amo, logo o ser é” (MOUNIER, 2004, p.49). Com esta constatação mounieriana percebe-se que, a vida tem o seu sentido e, por isso, deve ser vivida intensamente no amor, pois é neste que se encontra o sentido, o de qualificar o ser como pessoa.

3.6 O TEMA DA CONVERSÃO PESSOAL

Se o movimento em direção aos outros é impulso fundamental para a personalização do indivíduo; o desprendimento, o recolhimento, pode-se dizer que é a sua pulsação complementar, pois a pessoa surge aos outros caracterizada pela sua interioridade ou pelo seu “pulsar de uma vida secreta” (MOUNIER, 2004, p.57), onde se encontra as riquezas do seu próprio ser. A existência de uma dimensão interior deve possibilitar ao homem o rompimento de ser prisioneiro de si ou de um mundo que o leva a distração. O homem deverá, então, tomar dois grandes cuidados: primeiro o de fechar-se em seu interior e, o segundo de esquivar-se dele por meio das distrações mundanas. A partir do momento em que o indivíduo toma consciência de recuperar e de recompor a sua inteireza “para, através de uma unificação tentada, se constituir uma só” (MOUNIER, 2004, p.58), tem-se o início de uma vida pessoal.

Para a constituição da personalidade, a conversão íntima, é uma das condições necessária para a passagem do indivíduo à pessoa. Mounier diz, que “à primeira vista, este movimento é um movimento de fuga” (2004, p.58), porém essa fuga se caracteriza por um tempo complexo do movimento, mas o importante é a concentração, isto é, a conversão de forças. Neste sentido compreende-se que a pessoa se recua para depois saltar melhor. Nesta experiência de recolhimento percebe-se a importância da meditação, do silêncio e do retirar-se, pois as dispersões destroem a paciência e a persistência do processo de maturação humana.

Perante a necessidade de recolher-se para refletir, deve-se ter o cuidado para não ter um demasiado voltar-se sobre si e ali permanecer, pois “é preciso sair da interioridade para alimentar a interioridade” (MOUNIER, 2004, p.66), isso, se dá na medida em que a pessoa vai ao encontro dos outros num sentido de fazer-se junto com. Então, o recolher-se tem um sentido, e este é converter a pessoa em direção a outrem. Com efeito, o recolhimento sobre si ou a solidão não pode ser interpretada como um fim, mas como um meio necessário à existência autêntica. Desde o momento em que o “encerramento em si” (MOUNIER, 1963, p.101) se desenvolve em excesso tem-se como resultado um ressentimento contra os limites do eu, com isso, pode-se dizer, que a angústia expressa este aprisionamento de si. De fato, fechar-se em si, como já se sabe, é propriamente um mal, e o que leva a sair deste é a comunicação, ou seja, a vontade de se revelar. Dito isso, compreende-se, que Mounier faz o apelo à interioridade e, não ao isolamento egocêntrico, pois não há dúvida de que a conquista da vida pessoal exige uma atitude de recolhimento e não apenas, pois “a interioridade invoca uma constante componente dialética de exterioridade...” (MARCEL *apud* MOUNIER, 2004,

p.61). A vida interior do indivíduo está inserida num movimento de dentro para fora e de fora para dentro, numa perspectiva de personalização.

Portanto, quando se fala em indivíduo e pessoa quer-se demonstrar uma tensão dinâmica entre dois movimentos interiores, um de dispersão e o outro de concentração. “A verdade é que nos tornamos pessoa na medida em que nos liberamos do indivíduo e nos tornamos cada vez mais disponíveis” (MOIX, 1968, p.157) e deste modo, a conversão pessoal consiste em transformar a vida egoísta numa vida disponível.

3.6 O SENTIDO ÚLTIMO DA RELAÇÃO INTERPESSOAL

Quando se constata, por meio das evidências, de que o homem é um ser de relações, torna-se necessário apresentar o sentido ontológico das relações disponíveis, estas que qualificam o ser pessoa. Para isso, sabe-se que, os homens precisam uns dos outros para sobreviverem no mundo, pode-se perguntar qual a necessidade de se manterem vivos no mundo? E ainda, terá o homem um sentido para viver? Este sentido se encontra no mundo terreno ou o sentido está além deste? Estes questionamentos fundamentais são perceptíveis nas obras de Mounier, pelo fato de considerar que a pessoa “não é o ser, é o movimento do ser para o ser” (MOUNIER, 2004, p.87). Então, se a pessoa é um movimento em direção a algo isso significa que o ser tem uma orientação, ou seja, não é um movimento sem meta, pois o seu objetivo último é a Pessoa suprema.

Dentro da perspectiva personalista percebe-se a negação de um Deus que se revele contra a pessoa, pois se o personalismo considera a pessoa como cume da realidade, só lhe resta pensar em um Deus Pessoal, tendo em vista, que um ser transcendente impessoal seria totalmente prejudicial à dignidade humana, uma vez que, “o homem teria como *télos* perder-se nesse todo infinito, e a realidade concreta da história de cada um seria, com isso, desvalorizada” (DANESE, 1998, p.385). Desde modo, o personalismo de Mounier está acorado num pensamento de matriz religiosa que ultrapassa os limites humanos, isso não significa abandonar a humanidade de cada pessoa, muito pelo contrário a plenifica. A auto-plena realização se dá, na relação com o infinito, e a partir desta, descobre a sua consistência e, quando se relaciona com os outros, percebe que não está jogada, como dizem alguns existencialistas, mas, está junto com, inserida num movimento que se orienta para o encontro do finito com o infinito.

A pessoa é um universo pessoal e, que existe numa promessa de se realizar, pois ela tende a todo o ser e a possuir a todo bem, uma vez que a “transcendência está inscrita no coração do próprio homem” (MOUNIER, 2004, p.85). Compreende-se que o ser está a caminho e que a sua finalidade última é, de fato, a auto-realização plena, entretanto, para atingir este fim último é necessário percorrer certos caminhos, tais como a socialização, considerada, uma tendência natural do ser humano de formar e viver em sociedade. Dentro deste horizonte, tem-se que, para descobrir se algo é essencial ou não, basta saber a sua relação com a finalidade última, ou seja, quando um valor é necessário para atingir um fim último se torna um valor essencial.

A socialização ou a relação interpessoal é condição necessária, para que a pessoa alcance todo o ser, pois se este é considerado um Ser pessoal, e por ser pessoal valoriza a história de cada pessoa e atrai para si todas as coisas percebe-se, então, que a experiência de todo o Ser é a experiência de comunhão. Esta que se dá, na comunidade autêntica, onde é possível realizar “a comunhão entre duas pessoas. É somente ali, na descoberta de um Tu através de um Eu e na formação de um nós-pessoa, ultrapassando esses termos, que estendemos o verdadeiro laço social humano” (MOUNIER *apud* DANESE, 1998, p.395). A partir disso, o limitado atinge o ilimitado por meio da comunhão, esta que se dá a partir das relações disponíveis.

A centralidade do pensamento mounieriano se encontra na convicção de que a pessoa se qualifica, sobretudo, nas relações interpessoais, a partir disso, o personalismo propõe o nascimento da comunidade, aquela que se torna possível experimentar relações autênticas. Desde modo, a vocação da pessoa se realiza na unidade com todos, porém a experiência que se tem é que existem relações reduzidas a grupos de pessoas, tais como, a família, casal, amizade, fiéis e outros. Neste sentido o que ameaça este nível de vivência comunitária, ou seja, o que degrada as suas realizações é, simplesmente, o fato de se fecharem, pois o que mantém os elementos de um universo pessoal é a capacidade de abertura à universalização das pessoas, com isso a pessoa se esforçará para ser disponível a todos.

É importante ressaltar que a comunidade não surge de pessoas que se apagam, mas que se promovem plenamente, dito isso, é preciso apresentar a comunidade perfeita para perceber a distância que a separa de suas realizações históricas:

Numa perfeita comunidade pessoal, cada pessoa se realizaria plenamente na totalidade de uma vocação continuamente fecunda, e a comunhão do conjunto seria uma resultante de cada uma destas vitórias singulares. Contrariamente ao que se passa nas sociedades vitais, o lugar de cada um

seria insubstituível e essencialmente desejado pela ordem do todo. Só o amor seria o seu laço, e nunca a coação, nenhum interesse vital ou econômico, nenhuma instituição extrínseca. Nela, cada pessoa sendo promovida aos valores superiores que a realizam, acharia nestes valores superiores, objetivos e comuns, a linguagem capaz de unir a todas as outras (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.152).

Tal comunidade não é deste mundo, porém é o modelo do qual cada pessoa deve se aproximar o máximo possível: “Os cristãos crêem que ela está na Comunhão dos Santos, mas a comunhão dos santos, na Igreja militante, é esboçada somente. Realiza a perfeita Pessoa de Pessoas, agrupando toda a humanidade no Corpo místico do Cristo por uma participação na própria Sociedade Trinitária” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.153). A Trindade é a verdadeira comunidade é o exemplo a toda comunidade terrena que está a caminho da plenitude e, por estar a caminho terá imperfeições, porém só atingirá o infinito na medida em que se purificar do indivíduo.

A purificação consiste em sair de si e ir ao encontro do outro numa atitude de disponibilidade, pois, desta forma, acontecerá a atualização do ser e, por conseqüência, ter-se-á o início de uma comunidade, esta como já se sabe, tem o dever de buscar o bem da pessoa. Agora, a pessoa, por sua vez, tem o dever de sacrificar a sua individualidade às promessas da comunidade, e não às sociedades de interesses materiais. Uma vez que, a comunidade se preocupa, promove e favorece o crescimento da pessoa em direção à sua realização. Pode-se dizer, com firmeza, que a realização da comunidade consiste na realização da pessoa, uma vez que “jamais comunidade alguma pode exigir à Pessoa que se negue a si mesma. É uma contradição nos termos, pois não pode haver comunidade a não ser pelo pleno desabrochar das pessoas” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.154).

O personalismo mouneriano é uma reação direta a todo o tipo de individualismo e coletivismo, isto é, a todo sistema que não visa à plena realização da pessoa, com isso para combater o aniquilamento do homem ele apresenta a importância da dimensão comunitária para a constituição do ser pessoa, desde modo, nota-se que o ser humano como pessoa é a resposta de Mounier perante o individualismo e o coletivismo, tendo em vista, que o destino individual da pessoa é inseparável de seu destino comunitário. A pessoa só se realiza na comunidade e, esta só se realiza na pessoa.

Portanto, toda a análise da pessoa feita por Emmanuel Mounier é marcada por uma abordagem que se volta para a globalidade do ser pessoa. A pessoa é concebida como uma unidade vital, aberta às relações interpessoais com Deus, este que é o seu fundamento e meta e também com a sociedade. Essa unidade vital da pessoa comporta a síntese de três

aspectos espirituais: a vocação, pois o ser humano é chamado a personaliza-se, a encarnação que é condição de possibilidade, para o movimento de personalização, isto é, para a realização pessoal e a comunicação entre as existências que, por sua vez, favorece a vivência na totalidade do ser.

CONCLUSÃO

O caminho que se percorreu até aqui, revela a pequena parte de uma imensidão que não se esgota, pois em cada encontro com o outro, vivido intensamente, autentifica a vida de cada existente presente na relação. Desde modo, pode-se dizer que o individualismo e o coletivismo não têm a última palavra sobre o ser pessoa, pois este transforma a sua realidade e impõe a marca do seu universo pessoal. A problemática que se levantou teve como pretensão descobrir o melhor lugar que favorece o crescimento da pessoa em suas diversas dimensões, e com isso descobriu-se que todo sistema que não visa à formação do ser pessoa assina a sua própria sentença, foi o que aconteceu com o denominado século das sombras, constituído pelos seus grandes massacres. Na Guerra o homem fez a experiência de que não é segurança para si mesmo, assim, a vida humana tornou-se angustiante, frustrante, percebeu-se que as conseqüências foram traumáticas e estão gravadas na memória da humanidade. Tudo se deu devido, ao egoísmo de muitos e, a partir disso, verificou-se que viver no individualismo é desviar do caminho rumo à plena realização.

Tendo como guia e mestre Emmanuel Mounier este, grande e ilustre pensador, que revelou a importância e a necessidade de se viver em comunidade, uma vez que, esta cultiva a existência de uma vida pessoal, marcada pela autenticidade promovida pelas relações interpessoais. O nascimento de uma nova humanidade, alicerçada numa perspectiva de comunhão, tem como conseqüência a geração de um novo estilo de vida, não mais pautado, no individualismo e nem no coletivismo, mas, sim, na vivacidade da vivência comunitária, esta que deve ser aberta à universalização, para não correr o risco de desviar do caminho rumo à realização última da sua existência. Mostrou-se por meio da descrição fenomenológica que os homens precisam uns dos outros para sobreviverem tanto materialmente como espiritualmente. Contudo a abordagem realizada neste trabalho não teve como objetivo apresentar uma perfeita noção de pessoa, tanto porque isso seria contrário à proposta personalista.

Tomou-se consciência de que o individuo só se torna pessoa a partir do momento em que vai ao encontro de outrem numa atitude de disponibilidade, de entrega total, e desta forma, torna-se presença qualitativa. O fato das diferenças existirem entre os membros da

comunidade não devem ser motivos para a dispersão; muito pelo contrário, as diversidades devem gerar aproximação, por meio do respeito para com o outro, assim, tem-se que, o afrontamento é um dos possibilitadores para a construção do ser pessoa. É no diálogo que a palavra se torna carne, ou seja, é no encontro com outrem que acontece a atualização, a autenticidade do ser pessoa. De fato, a preocupação explícita do personalismo de Mounier é despertar nas consciências o comprometimento com o fato existencial, pois é a partir desta condição que acontece a personalização.

Descobriu-se que o indivíduo está inserido, num processo de personalização e, que possui um desejo inato de possuir todo o bem, pois este é garantia da sua auto-plena realização. O querer transcender a sua própria condição demonstra a existência de um Ser supremo, este considerado por Mounier como a Pessoa suprema, então, ele é o Ser autêntico e aberto por excelência, desta maneira, ele engloba todas as outras pessoas; a estas, então, pode ser atribuída à imagem e semelhança da Pessoa Suprema. Dito isso, ressalta-se que o Deus pessoal é aberto a toda pessoa e vice-versa. Se é aberto é porque se doa e se doa porque ama, então, Deus é amor e sendo amor promove a existência do outro. Por fim, tem-se a experiência da comunhão, esta que se dá na medida em que um participa do outro mutuamente. É nesta participação com o Deus pessoal que a pessoa se realiza plenamente, pois, é nele que se encontra todos os outros, já que ele é por excelência Pessoa.

Se a pessoa é uma promessa a se realizar, pode-se dizer que, ela é dotada de uma singularidade e está inserida num movimento de personalização em direção a sua especialização ou a sua capacitação em se tornar cada vez mais disponível e acessível para o outro, pois este é condição para a sua realização. Dentro desta perspectiva, constatou-se, que o indivíduo não está no mundo por acaso, muito menos jogado como dizem alguns existencialistas, mas está no mundo para fazer-se pessoa, de modo, a desenvolver as suas capacidades em função de colocá-las em comunhão, uma vez que, somente desta forma tem-se a plenitude da realização pessoal. Em outras palavras, a individualidade está inserida neste mundo para aprender a formar comunhão e, para isso, tem-se a comunidade como elemento que favorece esta capacitação por meio do afrontamento, do compromisso, da conversão íntima, da comunicação; enfim, do diálogo e da reciprocidade.

A partir do que foi dito acima, pode-se dizer que o melhor lugar para que o indivíduo possa vir a se tornar pessoa é na comunidade, pois é nesta que ele encontra o sentido último da sua existência encarnada que o compromete com a realidade exterior e interior. Nesta dialética entre exterioridade, isto é, as ações sofridas de fora para dentro, e a interioridade, as

ações sofridas de dentro para fora, caracterizam o movimento de personalização. Neste processo a presença do outro é fundamental para a sua realização.

Apresentou-se, de modo, significativo a filosofia da relação de Buber, esta que pretendia encaminhar o homem a uma revisão do sentido da sua existência, pois todas as ações devem visar um sentido último para que, assim, elas possam ser fundamentadas, ou melhor, justificadas. O valor de cada atitude, então, dependerá da sua relação com a finalidade última. Neste caminho tem-se o reconhecimento do valor das relações interpessoais, pois estas são condições para a plena realização de cada pessoa.

Sobre a existência do outro em Sartre descobriu-se que a sua descrição é incompleta, ou melhor, ela apresenta apenas um tipo de relacionamento caracterizado como sendo inautêntica. O olhar do outro longe de imobilizar o eu é uma presença provocadora, pois desperta o indivíduo a tornar-se pessoa. Neste encontro para que se tenha reciprocidade e maturidade interpessoal não se pode tratar o outro como simples objeto, mas, sim, como outro, aquele que é diferente do eu e, por ser diferente traz a sua novidade, esta que contribui para a autenticidade e o conhecimento mútuo, porém isso não significa tomar posse do outro para si, mas aceitá-lo como uma presença criadora, tendo em vista que existe em cada pessoa um mistério a ser contemplado.

O fato mediante o qual se deve procurar o outro como tal é, simplesmente, perceber e colocar em prática a noção de disponibilidade, esta que perpassa todas as relações denominadas autênticas. Quando a acessibilidade marca presença, o outro e o eu se tornam cooperadores entre si, desejando apenas que aconteça a personalização, provida da relação interpessoal. Desde modo, o melhor lugar para que aconteça relações promotoras do ser pessoa é, de fato, a comunidade considerada “Pessoa de pessoas”.

Contudo, o pensamento mounieriano deve ser considerado um ponto de chegada e, por isso, é preciso continuá-lo para que se possa vislumbrar a estupenda obra do criador e descobrir os seus maiores encantos. É perceptível que todos aqueles que entrarem em contato com as suas obras aprenderão a se tornarem pessoas livres e autênticas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2002.

DANESE, Attilio. A Dimensão teológica da pessoa. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (org). **Deus na Filosofia do século XX**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p.383-407.

DELACAMPAGNE, Christian. **História da Filosofia no século XX**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GIORDANI, Mário Curtis. **Iniciação ao existencialismo**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1976.

JAPIASSÚ, Hilton. **A crise da razão e do saber objetivo**. São Paulo: Letras e Letras, 1996.

LENHARO, Alcir. **O Nazismo: O Triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1986.

LORENZON, Alino. **Atualidade do Pensamento de Emmanuel Mounier**. 2. ed. rev. ampl. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2006.

MARCHESE, Ângelo. **Emmanuel Mounier tra pensiero e impegno: una filosofia a servizio della persona**. Trad. Cristiana Freni. ROMA: Las, 2005.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Trad. Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Trad. Antônio Ramos Rosa. S.L: Lisboa, 1967.

_____. **Sombras de medo sobre o século XX**. Trad. Salústio de Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

_____. **Introdução aos Existencialismos**. Trad. João Bernard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

MOIX, Candide. **O Pensamento de Emmanuel Mounier**. Trad. Frei Marcelo L. Simões O. P. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

REALE, Giovanni. **O saber dos antigos – Terapia para os tempos atuais**. São Paulo: Loyola, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A Antropologia personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Saraiva, 1974.

TRENTO, Ângelo. **Fascismo Italiano**. São Paulo: Ática, 1986.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Martin Buber: Cumplicidade e Diálogo**. Bauru: EDUSC, 2003.